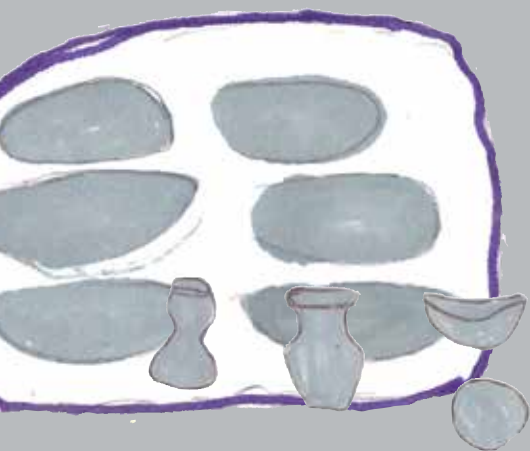


o livro da argila

Ēliwë Pampila
Orino Papeh





o livro da argila

Ëliwë Pampila

Orino Papeh

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará, proporcionando-lhes assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

CONSELHO DIRETOR: Lux Boelitz Vidal (Presidente), Marina Kahn (Tesoureira) e Lúcia Hussak van Velthem (Secretária)

CONSELHO EDITORIAL: Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luis Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak van Velthem e Lux Boelitz Vidal

COORDENADOR EXECUTIVO: Luis Donisete Benzi Grupioni

COORDENADOR EXECUTIVO ADJUNTO: Décio Horita Yokota

COORDENADORA DO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Denise Fajardo

EQUIPE DO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Andréia da Silva Vaz, Antônio de Barros Assumpção, Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira, Diogo Campos dos Santos, Evandro Batista Antunes Bernardi, Jeciane Fonseca de Souza, Manoela Freire de Oliveira, Nacip Mahmud Lauar Neto, Renan Reis de Souza e Rosamaria Santana Paes Loures

ASSESSORIA ANTROPOLÓGICA AO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Lúcia Hussak van Velthem e Ruben Caixeta de Queiroz

Para saber mais sobre o Iepé consulte www.institutoiepe.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA INSTITUCIONAL



Apoio institucional e ao trabalho nas TIs Parque Indígena do Tumucumaque e Paru d'Este



Iepé São Paulo

Rua Professor Monjardino, 19
Vila Sônia 05625-160
São Paulo – SP
Tel: (11) 3746-7912
(11) 3569-4973
(11) 3569-4936
(11) 98203-3521

Iepé Macapá

Rua Leopoldo Machado, 640
Jesus de Nazaré 68908-120
Macapá – AP
Tel: (96) 3223 7633
(96) 3223 2052
(96) 3222-2400

Iepé Oiapoque

Rua Lélio Silva 91
Altos 68980-000
Oiapoque – AP
Tel: (96) 3521-3228
(96) 98143-0000

Iepé Santarém

Rua Silvério Sirotheau Corrêa, 1235
Centro 68005-050
Santarém – PA
Tel: (93) 98100-0158

lepé

o livro da argila

Ëliwë Pampila
Orino Papeh

Iori Leonel van Velthem Linke

Lúcia Hussak van Velthem

2017



Copyright © Iepé, 2017

o livro da argila Ēliwë Pampila – Orino Papeh

Iori Leonel van Velthem Linke (FPE Cuminapanema/CGIIRC – FUNAI; PPGCA: UFPA/MPEG/EMBRAPA) e
Lúcia Hussak van Velthem (MPEG – MCTIC)

AUTORES DOS DESENHOS E TEXTOS EM LÍNGUA WAYANA

Arema Wayana
Arinaware Apalai Wayana
Herenaïke Apalai Wayana
Ihpouru Wayana Waiãpi
Marikota Apalai
Mukaïa Apalai Wayana
Sapotory Wayana
Setina Wayana
Setu Apalai Wayana
Tanunga Wayana Wajãpi
Tokanairu Apalai Wayana
Totori Apalai Wayana
Uranihto Wayana

AUTORES DOS DESENHOS E TEXTOS EM LÍNGUA APARAI

Cecília Awaeko Apalaí
Erouru Apalai Wayana
Ikurapyny Wayana Aparai
Imarepyny Aparai
Kezia Apalai
Jaruanare Apalai Wayana
Makinauru Wayana Apalai
Marakarepo Apalai
Maruanari Apalai Waiana
Mazaihpo Apalai
Mesenehto Apalai Waiana
Mokoni Aparai Wayana
Pixuxu Wayana Apalai
Tawarepo Apalai

FOTOGRAFIAS

Iori Leonel Linke
Fabio Filpo Jacob (página 30)
Lucia Hussak van Velthem (página 67)
Tanai Wayana (página 56)

FOTO DA CAPA

Iori Leonel Linke

EDITOR

Luís Donisete Benzi Grupioni

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves Souza

EDITORAÇÃO

Tipográfico Comunicação

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Vethem, Lucia Hussak van
O livro da argila : Ēliwë Pampila : Orino Papeh /
Iori Leonel van Velthem Linke, Lucia Hussak van Vethem. -- São Paulo : Iepé, 2017.

Bibliografia
ISBN 978-85-98046-23-5

1. Argila 2. Cerâmica 3. Índios Aparai - Usos e costumes 4. Índios da América do Sul – Brasil – Cultura 5. Índios Wayana – Usos e costumes 6. Povos indígenas I. Linke, Iori Leonel van Velthem.
II. Título.

17-09457

CDD-980.41

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Brasil : Povos indígenas 980.41
2. Povos indígenas : Brasil 980.41

índice

introdução	6
os Wayana e os Aparai no Brasil	12
narrativas dos primeiros tempos	24
fazer e pintar os artefatos cerâmicos	40
a cerâmica e as atividades de valorização	64
tipos de recipientes cerâmicos	70
terminologia wayana e aparai da cerâmica	88
referências bibliográficas	98

introdução



Os artefatos confeccionados pelos Wayana e Aparai apresentam formas tão diferenciadas e particulares que desafiam a imaginação de quem os admira. Produzidos para serem utilizados na vida cotidiana ou em momentos rituais, remetem a aspectos que estão além de sua função, de sua forma, dos materiais que o compõem. Cada objeto revela as intenções, os saberes, as memórias, o senso estético e as relações sociais da pessoa que o confeccionou, seja homem ou mulher.

Os Wayana e os Aparai possuem um jeito próprio de viver que reúne experiências, saberes e conhecimentos únicos e que não se confundem com os de outros povos indígenas no Brasil. Todo esse imenso legado se revela na produção e uso dos artefatos de cerâmica que emprega argila e outras matérias-primas.

Muitos saberes são necessários para a confecção dos artefatos em geral. Os principais estão relacionados com as habilidades técnicas e os conhecimentos sobre os recursos naturais disponíveis, sua localização e a forma de serem colhidos. Nas áreas de mata está a maioria das matérias-primas de origem vegetal, como o arumã, os cipós, o cedro, mas algumas podem ser plantadas nas roças ou nas capoeiras, entre as quais o curauá e a cana de ubá. Certos materiais, tais como pelos, penas, couros, dentes e garras, provêm de animais que foram caçados ou são criados nas aldeias e outros, como as argilas, estão nos barrancos dos igarapés.

Nas aldeias dos Wayana e Aparai são encontrados artefatos confeccionados com argila. Nos estudos antropológicos de cultura material, os objetos feitos com esse material pertencem à categoria artesanal da cerâmica, ao lado de outras categorias, tais como a cestaria, a plumária, a tecelagem e o entalhe em madeira. Entre os objetos indígenas mais estudados, a cerâmica ocupa o primeiro lugar, tanto no passado como nos dias atuais. Isso se deve ao fato de que os artefatos de argila e sua tecnologia sempre interessaram os arqueólogos, os etnólogos, os museólogos e os historiadores da arte.



Oficina de
cerâmica na
aldeia Parapara

Nas aldeias do rio Paru de Leste, norte do estado do Pará, as mulheres wayana e aparai dedicam-se principalmente a duas categorias artesanais. Nas línguas faladas nesta região, a primeira denomina-se *ëliwë/orino*, o que significa “argila” e, por extensão, a categoria da cerâmica. A segunda é *mau/mauru*, cuja tradução é “algodão” e corresponde à tecelagem, a qual emprega fios de algodão nativo para a confecção de redes e tipoias e outros materiais, como miçangas, para produzir cintos, pulseiras, colares, tangas.

Entre as categorias artesanais masculinas, sobressai a cestaria que é identificada como *wama/aruma*, o que significa “arumã”. Os trançados empregam, além deste material, o cipó titica, as folhas fechadas ou abertas de palmeiras. Outra categoria é a do entalhe em madeira, como o cedro, técnica que é denominada de *pahieh/merie*, do nome de um pequeno instrumento de corte, feito com o dente de cotia ou paca. Um terceiro e importante trabalho artesanal masculino é referido como *ihpot/ihpoty*, cuja tradução é “pena de ave” e que nomeia também a plumária, que emprega técnicas elaboradas e materiais variados para a criação de vistosos adornos corporais.

No presente, a arte de trabalhar a argila interessa sobremaneira as mulheres wayana e aparai, pois desejam valorizar e registrar este conhecimento. A atenção está voltada tanto para os aspectos técnicos de confecção, como também para as diferentes formas das vasilhas, para as pinturas que são aplicadas, as possibilidades de utilização, a mitologia de referência e muitos outros saberes relacionados com esta categoria artesanal.

O conteúdo deste livro foi discutido e estabelecido com a participação dos Wayana e Aparai durante a realização de oficinas sobre cerâmica nas aldeias Para-Para, Bona e Jolokoman no período compreendido entre 2014 a 2016. Nestas ocasiões, os participantes realizaram ilustrações e documentação fotográfica, assim como produziram textos nas línguas wayana e aparai e, posteriormente as transcrições e correções. Esta publicação representa, portanto, o fruto de um trabalho coletivo de autores e pesquisadores indígenas que são creditados no início deste livro, cuja finalização coube aos organizadores e incluiu sugestões de Denise Fajardo.

Uma pesquisa aprofundada sobre o tema da cerâmica foi realizada por uma pesquisadora indígena – Pixuxu Wayana Apalai – moradora de Aldeia Bona, cujos textos encontram-se reproduzidos neste livro, especialmente nas páginas 22, 23, 76 a 85, e 97, assim como os desenhos da página 75.



Retornando da roça, rio Paru de Leste

Nas identificações dos povos indígenas em questão, optamos pela grafia mais frequente, a saber: Wayana e Aparai. A citação das palavras nas línguas indígenas obedecerá a seguinte sequência: primeiro em língua wayana e depois em aparai.

Deve ser mencionado que este livro não esgota a temática da cerâmica, pois é complexa e muito mais ampla do que o descrito nestas poucas páginas. Apresentamos, tão somente, um material de divulgação, concebido com o objetivo de documentar, promover e compartilhar os conhecimentos sobre esta categoria artesanal com o público em geral e, particularmente, para os próprios Wayana e Aparai, enquanto um suporte à memória desses conhecimentos e das oficinas realizadas.

os Wayana e os Aparai no Brasil



Este livro faz referência a dois povos indígenas que falam línguas da família Karib. Muitas pessoas são Wayana (Wajana, Waiana, Oiana) e outras são Aparai (Apalai, Apalaí). Outros, contudo, se identificam através de uma dupla filiação: Wayana Aparai ou Aparai Wayana. Isso ocorre devido aos intercasamentos, pois esses dois povos, há mais de um século, estão em estreita convivência, o que resultou em numerosas uniões e em uma coexistência pacífica. Permitiu, também, a troca de muitos elementos culturais, o que gerou uma certa homogeneidade cultural, mas sem eliminar por completo as especificidades dos Wayana e dos Aparai. No presente, esses povos somam 1100 pessoas que compartilham os mesmos aldeamentos, os quais podem incluir outros povos indígenas, tais como os Tiriyó, Akuriyó, Txikiyana e Wajãpi.

No Brasil, os Wayana e Aparai estão estabelecidos atualmente às margens do rio Paru de Leste, ao extremo norte do estado do Pará, nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D´Este. Entretanto, até a década de 1960, habitavam um território muito mais vasto, que compreendia também as bacias do rio Jari e rio Maicuru. Este território abrigava numerosas, porém pouco populosas aldeias, que se articulavam através do desenvolvimento de redes de relações que possuíam diferentes motivações: alianças para ataques guerreiros, rituais entre diferentes comunidades, casamentos, trocas de bens especializados, nas quais se destacavam os parceiros pessoais e exclusivos.

Em meados da década de 1960, o então SPI – Serviço de Proteção ao Índio, que viria a ser substituído pela FUNAI em 1967 – e as Forças Armadas uniram-se para dar início a uma ação que pretendia o estabelecimento dessas populações em uma única e central aldeia, o Posto Indígena Apalaí. Este Posto existe até o presente, porém com o nome de Aldeia Apalaí, também conhecida como Aldeia Bona, ou ainda Karapaeuru pata, sendo este seu nome em língua aparai.

A interferência nas práticas tradicionais indígenas de ocupação do território foi coordenada com o objetivo de facilitar trabalhos de doutrinação religiosa e assistencialista de fundo tutelar aos Wayana e Aparai. Era o tempo em que a Força Aérea mantinha um posto militar de fronteira e a Fundação Nacional do Índio dois postos indígenas, no alto e médio rio Paru de Leste. Aos poucos, várias famílias afastaram-se de Aldeia Apalai e foram se estabelecer em regiões mais propícias para a caça e a pesca.



Pintura interna
de um vaso
kalipo/tumeri



Vista aérea da aldeia Xuiximene

Anos depois teve início o processo de identificação e delimitação da Terra Indígena Rio Paru D’Este e da conversão do Parque do Tumucumaque na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, ambas homologadas através de Decreto Presidencial em novembro de 1997. O reconhecimento dos direitos indígenas, previstos no “Capítulo dos Índios” da Constituição Federal do Brasil promulgada em 1988, permitiu que fosse reconhecida a posse e usufruto exclusivo dos territórios tradicionalmente ocupados pelos Wayana e os Aparai. Ao lado dessas garantias, a extinção da relação tutelar com os povos indígenas acelerou o processo de retomada dos territórios de habitação ancestral e, então, a partir de aldeia Apalaí, as famílias wayana e aparai espalharam-se de norte a sul nas margens do rio Paru de Leste, que percorre as duas Terras Indígenas, e estabeleceram as atuais 24 aldeias.

Terra Indígena Parque do Tumucumaque – 3.071.067ha

Estados	Municípios	Povos	Aldeias
Amapá	Laranjal do Jari		Cachoeirinha Mataware Taunumai Jahelai Tyryryman Iliwa Maxipurimo Apalaí (Bona) Murei Kurieukuru Aramapuku Arawaka Tapauku Xitare Tary
Pará	Oriximiná Óbidos Almeirim Alenquer Monte Alegre	Akuriyó Aparai Katxuyana Tiriyó Txikuyana Wajãpi Wayana	

Terra Indígena Rio Paru D'Este – 1.195.785ha

Estados	Municípios	Povos	Aldeias
Pará	Almeirim Alenquer Monte Alegre	Aparai Wajãpi Wayana	Kurupohpano Xuixuimene Jolokoman Ananapiare Kurumurihpano Itapeky Purure Para-para



Aplicação
do verniz
mëpuk/mapuku

Ao norte, na fronteira entre o Brasil e o Suriname e no entorno das duas terras indígenas mencionadas, encontramos três grandes unidades de conservação integrais. No extremo nordeste há o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. A leste, sudeste e sul a Reserva Biológica Maicuru, e ao sul, sudoeste e oeste a Estação Ecológica Grão-Pará, ambas criadas pelo Governo do estado do Pará. O total das áreas protegidas compõe uma vasta região, ligando-se às outras reservas, tais como a Floresta Estadual do Paru, a Floresta Estadual do Trombetas e às Terras Indígenas Waiãpi, Kaxuyana-Tunayana, Nhamundá-Mapuera e Trombetas-Mapuera o que permite formar um vasto mosaico que se estende do Amapá até o leste do Amazonas e o sudeste de Roraima, incluindo a quase totalidade da calha norte do Pará.

Apesar das terras indígenas estarem devidamente regularizadas – e isto evidentemente representa uma garantia de direitos –, as mesmas representam, contudo, recortes territoriais, a saber, grandes trechos fechados do vasto território onde outrora os Wayana e os Aparai viviam. Com a população crescendo continuamente, e com a impossibilidade de ampliação de seus territórios, a questão atual que se coloca para os Wayana e Aparai, é como as terras que ocupam poderão garantir a reprodução física e cultural, o bem-viver, dessas pessoas e suas famílias, no presente e no futuro.

Nos últimos dez anos as questões de sustentabilidade socioambiental vêm sendo continuamente debatidas pelos Wayana e Aparai com seus parceiros, seja nas aldeias, ou nas cidades através de oficinas, reuniões, diagnósticos, assembleias de lideranças e na própria associação indígena. Tais discussões objetivam a construção de um plano de gestão comunitário, participativo e dinâmico das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D’Este. A Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial (PNGATI, Decreto 7.747 de 2012), permitiu que acordos coletivos fossem corrigidos e confirmados em diversas reuniões e hoje configuram um Plano de Gestão Ambiental e Territorial (PGTA) para as Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D’Este.



Suriname

Guiana

Terra Indígena
Parque do Tumucumaque

PARÁ

Terra Indígena
Rio Paru D'Este

Cachoeirinha

Matawaré

Jahelal

Manau

Tyryryman

Iliwa

Maxipurimo

Bonã

Murei
Kurieukuru

Arawaka

Tapauku

Sitale Kumntã

Kurupohpano

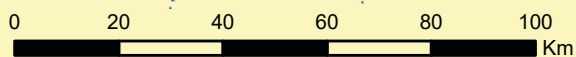
Xuiximene

Jolokoman

Kurumuripano

Ananapiare

Itapeky Pururé



Francesa



TERRAS INDÍGENAS

PARQUE DO TUMUCUMAQUE

E

RIO PARU D'ESTE

ORINO

Osemazuhme pakatokomo a tapoise tumeri pake kuriwerui winoino tapoise eya xine.

Mame pakatokōmo ytōse totó kuriwerui a orino poko pake?

Nae ehse emero kuriwerui wino tumerime exikety te, typerykemyme exikety te, kasanamanome exikety nae emero ewino orino noty wino ehse emero nae pake mame ytōse toto kuriwerui a orino poko?

Pake seromaroropyra ytōse myaro toto, kuriwerui a pake mākomo.

Morararo zurupōko roropa ehse toto oehnokene!

Mama āko toto eya jeripose ae, oya mama tykase toto kuriwerui a.

Turupose eya xine tumerise ase te, apipase ase te, orinatose ase te, typerykemyme ase te, kasanamanose ase te, ynara mama tykase toto, kuriwerui a...

Ynara jexiryke etuarimāko jexiryke oehno!

Oya mama tykase toto eya morara exiryke tokarose eya xine orino noty a tumeri.

Morararo epehpyry se toehse eya xine orino nōty.

Morara exiryke epehpyry tapuhse eya xine tumeri pisarara ekarōtohme kuriwerui a morararo ekarōko ahtao oturuko toto kure orino riryhtao ehtohme aputyryhtao roropa kure ehtohme te, ehmopyra ehtohme roropa.

Ynara ehse toto zurupōko ehse pake mākomo eya morara exiryke kure ehse inyriry kōmo pake.

Enehnōko ehse toto xiaro typatary kō pona tyritohme tumerime nohpo tomo a ynara ehse pake mākomo pake ahtao.

Osemazuhme ytōko aporo orino poko kumarikuaka.

Moero orino kase toto kumarikuao pake. Morararo orino kurāno enehnōko roropa toto nae popyra exikety, nae kure exikety, me exiryke zupīko aporo axīpyra enēko.

Morararo poetoëme ahtao ipokopyra aporo morararo munume ahtao ipokopyra aporo ynara exiryke ihmomãko exiryĩno rokene tyriryhtao tyrĩko tapyi tao aporo moroto pixo asakoro inyhãmãko tapyi tao tykyhtãko rokene ahtao tytykyhtase.

Morotoino tyrĩko tumerime rahkene apuhnõko roropa.

Amëke pixo tyrĩko ahno ytopyra ehtohpona jahkãko.

Morararo ahno pyra toehse ahtao kokonipukuro jahkako kuĩkara toehse ahtao ahno tõmo mynyhne roropa te, kuĩkara roropa te, tuna onëpyry roropa jahkaryhtao ynara exiryke omi ezuhnõko mana toehmotohme morara exiryke mynyhme mokyro aporo ehmomõko exiryke rokene.



narrativas dos primeiros tempos



Para os Wayana, o “tempo dos antigos” é aquele em que os heróis descritos nos mitos viviam na terra. Nessa época criaram as pessoas, as aldeias, os objetos, os animais, os rios e muitas outras coisas. Uma importante narrativa dos primeiros tempos descreve a criação das mulheres e, assim, um herói, denominado *Umale*, certo dia resolve fazer uma pessoa, destinada a ser sua irmã. Essa mulher deveria produzir os alimentos consumidos, que são as bebidas fermentadas, à base de mandioca e denominadas de *okĩ*. Uma primeira mulher é modelada com *mani*, o cerol e uma segunda é feita de *ëliwë*, a argila. Para a criação de uma terceira mulher, o herói mítico emprega *wama*, o arumã.

A mulher confeccionada com argila recebe o mesmo nome do material de suas carnes: *ëliwë*. Ao estar concluída, anima-se, mas não é capaz de preparar as bebidas fermentadas, pois não consegue mover-se devido a seu peso, que é excessivo. Segundo outras versões deste mito, ao passar a alça do cesto cargueiro pela testa, a mulher de argila tem o pescoço fraturado, o que ocasiona sua morte.

O que caracteriza a mulher feita de argila pelo herói mítico é o fato de ser considerada “pesada”. Este aspecto constitui uma forma dos Wayana descreverem pessoas, sobretudo mulheres, que se locomovem pouco e lentamente: “*está pesada, parece ëliwë*”. Este mesmo pensamento faz com que seja evitada durante as festas a reprodução, na pintura corporal dos dançadores, dos desenhos e grafismos que são usualmente aplicados às vasilhas de argila. Os jovens que estariam pintados com esse tipo de desenhos ficariam pesados e lentos e não dançariam com o entusiasmo necessário. Esse é o motivo porque os rapazes são preferencialmente pintados com desenhos que são reproduzidos nos trançados de cestaria, pois estes têm o poder de acarretar o efeito contrário, uma vez que transmitem agilidade a seus portadores.

As principais distinções percebidas nos objetos feitos com argila são, além do peso, a facilidade com que se quebram. As rachaduras desses artefatos são consideradas as suas “doenças” e são comparadas às fraturas dos ossos das pessoas. Por esse motivo, os utensílios de argila são confeccionados e manuseados com extremo cuidado. Severas normas orientam a sua confecção, aspectos que não são observados tão estritamente quando da produção de objetos que empregam outras matérias-primas, como os fios de algodão.



Produção
de um torrador de
beiju
ëlinat/orinato



Uma moça retornando da roça com um *katali/katauri* cheio de mandioca

O contato direto com a argila pode trazer malefícios e influenciar pessoas enfraquecidas, uma vez que seus corpos ficariam pesados como essa matéria-prima e a mulher primordial, o que vai acarretar o prolongamento das doenças e a demora da cura. Desta forma, os enfermos devem ter cuidado redobrado, afastando-se do local de trabalho da ceramista.

As narrativas míticas mencionam que variados artefatos cerâmicos eram utilizados nos primeiros tempos e, assim, havia objetos para uso cotidiano e aqueles que eram empregados em rituais. Constituíam as posses de heróis míticos, membros de uma grande comunidade e genericamente referidos como *kujuli/kuyuri*. Esses artefatos eram empregados na produção e no consumo de seus alimentos, as bebidas fermentadas, entre as quais se sobressai o *kasili/kaxiri*, e que é o caxiri.

Um mito wayana indica que a cerâmica utilitária pertencia à *Pëlë* um ser que tinha a forma de uma fêmea de sapo cururu. Considerada a avó dos antigos, possuía os conhecimentos da fabricação do beiju de mandioca brava, destinado ao preparo de uma bebida específica, o *hakula/sakura*, produzida com beijus. Em sua cozinha, *Pëlë* utilizava um torrador circular e vasilhas em argila, e também outros artefatos na preparação das bebidas, tais como tipiti, peneira circular, espátulas, confeccionados com materiais diversos.

Produzidos pelos heróis culturais, os objetos utilitários adquiriam o poder das técnicas de confecção empregadas. Assim, os artefatos da cozinha de *Pëlë* eram capazes de mudar de aspecto, porque podiam se transformar. Assim sendo, eram tanto objetos como outros seres: um ninho de vespas (o torrador); uma cobra sucurijú (o tipiti); uma serpente enrolada (a peneira circular); e assim por diante. Como se transformavam, eram utilizados por *Pëlë* na preparação de beijus e das bebidas, mas ao serem colocados novamente no jirau, voltavam a ter a aparência de animal. No entanto, ficavam quietos, pois como este lugar era constituído por suas redes de dormir, ao se deitarem, logo adormeciam.



Pëtiman/utukumano

Nos primeiros tempos existiam também vasilhas especiais, os recipientes usados para servir e consumir as bebidas fermentadas. Para os Wayana estes artefatos pertenciam a *Sulalapanan*, a criadora e protetora dos roçados, onde cresce a mais importante das plantas cultivadas, a mandioca brava, que permite confeccionar bebidas e beijus. *Sulalapanan* não era, entretanto, a produtora de seus artefatos de argila. Ela os recolhia em um lugar chamado Kuliwelui, um depósito de argila que podia moldar vasilhas e panelas, como relata o mito de origem da cerâmica, e que explica também como este modo de fabricação espontâneo foi perdido e não repassado aos primeiros humanos.

No presente, as criações e produções dos Wayana e Aparai estão relacionadas com os conhecimentos humanos. Os termos *tihéh/tyrise* que significa “fazer”, indica que saberes técnicos apropriados atuam sobre matérias-primas naturais diversificadas, colhidas em lugares específicos na mata, como os caniços, folhas, cipós, madeiras ou nas roças, como o algodão, o curauá, nos barrancos dos rios, como a argila, ou retiradas de mamíferos e aves abatidas. Complexas técnicas de confecção permitem aos homens e às mulheres criarem objetos para serem usados tanto na vida cotidiana como nos momentos rituais.



Vasilhames secando antes da queima e pintura

Os Wayana e os Aparai reconhecem que a manutenção dos humanos depende de nutrientes e que os objetos, para se formarem, de materiais diversos. Desta forma, o termo *tëkalëi/tokarose* designa tanto as trocas de alimentos – beiju, carnes cozidas, bebidas fermentadas – elementos que constroem e conservam o corpo humano, como também as de matérias-primas empregadas na confecção dos artefatos, tais como argila, de fios de algodão, pigmentos minerais.

ORIPPO OTUMAKATOPÖPYRY POKO – APIPA



Pake ahtao kunumuxi nae ehse esety Pororypana (Apipa Kana). Typake ehse ynororo, esety ikujuri Tamÿse eya poetome ahtao, mame tuatanohse eya ikujuri. Zumo pixo toehse ahtao, otytyko tyripitose eya, tynoty kyryry-me.

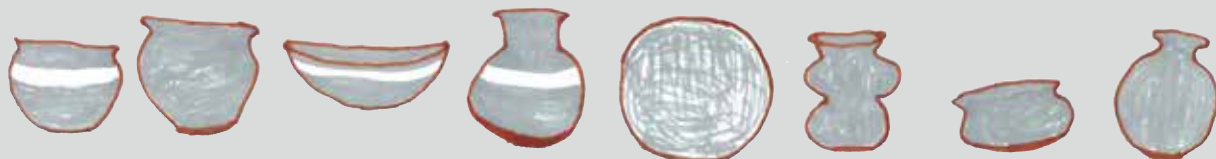
Tame 8 anos me nexiase, porohtoh pitiko tyrise ikujuri-a, moro porohtoh pitiko tapŭkase eya zumo aehtohme, moro otyhkaxïpo toytose tynoty “mama eukuru tyriko tuasë rïko ase, Kaikuixiana watopo tykase ynororo”. Mame inoty tozuhse oty aka eukuru rïko ahno? Oty ae tuasë tō ohpākoma kasana to pyra sytase tykase inoty.

- Mama etakopahne, orino touko, mame oripo rïko mase, te, tumeri, kasanamano, typerikemy, kaokomano, apipa, orinato, roropa, piparara tyriko kehko, atakenoka kã myritase mame tōtyhkase ahtao kŭruko, apŭkatohme tykase ikujuri tynoty-a pororupana a.

Mame moro, aomihpyry ae rokë tyrise inoty tyri tōtyhkose ahtao. Typary tykohmase eya, aimo notykã onyripohpyry tomo ōmihpyry ae rokene tykase inoty, typary ikujuri-a. Mame tapŭkase oripotomo tymenuramo, tymenurākara, yanara.

Mame moto tōtyhkase ahtao, eukur tō tyrise, inoty a porohtoh ōkyryry me eukuru tōse ikujuri-a tynapŭka tyã-ae, tãkye toehse ynororo, mame moro otyhkaxïpo, tynoty turuse eya, tuasë rïko ase mama, ytōko-ase Kaikuixiana tamuruhtaka, moero okynao pixo ase, emero tykohmase toto ahtao rokë oehnōko ropa ase. Mame osemazuhme Jekary enehpōko ase, mokaro mykapo rokë eporehkãko ase mama tykase tynoty-a.

Moro sã toehse, orino otumakato popyry, oripome tŷrisamo, ikujuri poe autumakasamo, āko oturuke tomo.



UMALE EKALETOP

Maa tīkai Umale ekalētop ēnīka mēklē ipam talanme tēhetke mam.

Mēlē Wama kaphem tēnēpkai mēklē umaleja iwēlīsi enetah kono tīaki mēklē ipam ēnik malonme tītēi tīpohnohe teekīlīmai mēklē ipam tēlaimai lēlep tēpsikne tīkailep itēpolola esike tītēi mēklē tīkapītpon molo mēklē ulu ikīpēk awēlīsi inīkapītpi malonme mēklē tīpam luen tulupkai kulikuli watkīme tīlīpti lue ihet mēlē meinē tītēi eja tuwaksikai mēklē wama ihem tīkaimēi tuwaksikai maka tīkai maa tēpsine kono tīkai e tīnēlē wai nikanmamē tīkai mēklē awēlīsi aptao itēimējai nītēmē nai hehmalē kaikē nai hemalē tumēkēmēhei aptao tīkai mēklē ipam malonme tītēimēi inēlē wotak ikaimēlīhtao tēnmakaimēi inēlē poleh tēne kono hemalē nai niteimē mon ēwaptao tīkai lome tītei ipilam e malona e awēlīsi teh mulokonīlu teh letukoni hua mēkja eluwa kom okaia tuatuapo hua eluwa kom ēhepītīhnē wēlīham eluwa kom hakēne ētīnē mēkja tētīhe aptao iwetepu jak tēwomitai papak heneta mama tīkai tījeja tēhkuhekne ējumkom.



Tīkai ai heneta kake pīla mēklē tīwetepujau tīpeinom hua ētīpalē enelīhtao ēhema ailē ikīlih tīkai ijekom emjao lēkem mēlē ikīlikom makala tīkai hemele tīpuhe okomē já mam tētakilīmai ijekom tītonton mai tīwetepu jaklēken tīkīlikom tīkai tītīlīlin kai tot tītēi molona ēnīkpena pona awaleimē lēlēt sah palale pata sah palu pata sah ahnep pata sah napi pata tīkai tēpīhamo tītīpkai tēne ēpēionon jum ehema awaleimē tīkai tolati sosehsehne tēnane ēpeinom jum ehema wīkai ētala sosehsehne e ēhekpok mama awaleimēja tīkai mēkja ēpeinom





emna nai apukë wama aleke tîkai malonme tapuhe tëhekpai awaleimëja tēnane îpeinom jum ehema hemele awaleimë tîkai sia nai itëk hapëm lëkem sia mekupjake sai nai kaikusimë tomu ehema mëlë ëë aimama emna apuak mama emna nanumkepjai tîkai malonme tēpëlētse mëlë wama aletpë tuk palalap sitsitsit sinka sikaleme ê ênkapija nai kuptējahe mama tîkai tot tēnane îpeinom jum ehema wua epēnuktēla tēnane îpēnon jum ehema e imalipatanmak mama otî jetpëke tîkai som otî jetpëke tēnane îpeinom jum ehema ênīnena tan uhum sia sia ehema sia ehema mijalëlële imalipatanmakēle itihme e tan tēnane îpeinom jum ehema ênik mëim ehema mësin ehemaë aimama akename ekalētpi ailë nai ai mama tîkai mëkja iwetepu alitōm tītēi tot mīja kupjak kai mīja ehema lēken tītēi kaikusimë ehema ailë tēpēnai mëkja êtikom tîkai ijekom okomëja tîputihwë e ênkapija nai kuptejai mama “wihnë nai mama kuni pakolon nuina” tîkai tītēi pole wihnë tih





kunumusi ulu euhnapëk lëlet helep tënei ëtika henma mumëktëu talëna mëktëk sia oha mitak tihe mëklë wajanapë tëwëtihe kuliputpëime tëleken poleh hum ënik mëhe kuni malo pa ënik numëk ënikinma nai ikohmanjai pëkëna tikai tëleken peptapsi malëkom tëmamhe e jot ënenepira manatëi tëi lëken ëkohmamjatëi tikai kunumusi mëkja tëipupupkai kaikusi jã moloinë tëhalëitot woha mitpëpëk tentelele woha peitoma makuliketëi tikai kunumusi makala temtemtem woha takulikai e woha makulikatëu tii kuliputpë molo “më mëhe pînwë neha kuni”. E akulikatëk ihmo he lëkën wai inepime kalihntao tëlëi mija tunakwatak takulikai ejahe “kuni nepime nesi ihmo” kanëke mëklë tëlëi ipeinom tëhe mëklë ijenpi kaikusija tëlëken “mepi kalep kuni” uwahnë awap kama wikei pitë tikai umëhkepila elekaptëpëk monoptao uwa epï hemele “tëpane ipitpi” sin ipinmeme katip welapëinom ponmitpë hualam pona tihe ipitpi tëpihelë tikai lëlet tëuhnëpikom pëk uluhtao mëkja kuliputpë pëinom mëje tot kaikui tom tëtakhe mëkja ëhëpitihnë wika letukone teh mulokonilu hua mëkja eluwa kom okaia tuatuapo hakene ëhëpitihnë tot hua tikai mëkja e mija ikunatoonpë tom mau epï tihe mëklë inot komoja iwehetamikatopkome ile kom mëlë malamala epï tëhatëhalëitot ëhemailë pëti tïpanmai ejahe tih ëhema tao u tuku u tuku “iu tapek ëje wëne kaikusijana” tikai tëleken hum huhum tütëimëi pitë tot tumikëmëi tapanika pëti ënik pa mëklë kuni? “taapa nika” “untuku iutatek ëje wëne kaikui” nika pëti “tëipalëme ka mala nika” kuni tëipalëme tikai ënekalëla petoh awainame um um um tikai ënik mëk? Kuni ëwok tëhëm ka mëklë tëhem anumalë tuwëtamii kuni ëkëi ëwëjatëu tuwetkele eitëk tikai jakinmephele tot tütëi tokon malë moloma talë mame tih kuleklepo um “iutatek ëje wëne kaikui” tikai ëmë ken tuh mëjalah ile



tītēi tēlēken tītēimēi tuhtuhtu “umēkēmē kuni” tapa nika ēwok tohme pa hua nika tapa nika um “iutapek ēje wēne kaikui” nika ee kaikui toma ējekom ēne tikai mēklē kunumusi hemele inelē “tuwenkelela ēkohmamjatēi kaikui otītpē pēinom toma manatēi” tikai tītīn tīkai tot etpitak etpitakēla hualēpsik lēkem ikakom mēlē iwelēkukom tukusipan pēk lēlet apsikīpsik ēhmelē tihe tomopitaptēi tīpuptēi teh maluana tihe kama tikai tot kai mējela tēhatēhalēitot kumu ale pēinom pēk wapuale pēk tihe tīnilikom maa kama mika ka kuni ‘ēē tīnikpoi mēklē kunumusi tētīhe’ kuni ēwētomankē emna nīlītpī enekēt “ētīpa mītēu” tukusipan tukusipan enekēt ken pole tukusipan telen pētukulunma itak emēmēkē upak tīmaluanaptēi ee kujuli tapek manatēi tikai mēklē inot kom awetaputpē tīpīmīhe kīlītītīk kahulume konopkē kuni tikai momaime tawainai tihe kaikui enī ētikahēhku tikai mēklē inot kom ēwēja jēla man kalīhta tītēi uhpak tīpohnēphe titīlu tom kapau jetpē tom ētīkom tihe talanme um tonophe inot komoja ēhnēmēnē akon okaia lēken ipam kutumo akelehatponkom mēlēpsik lēken teh mīja awētīihamo malē kunumusi ētīkom tihe awōkīkom, tītēi molona kaikusihtak ahpen maka



kunehak kuni tikai kujuli
 meklē unohenma meklē kaikui
 tamu mēlēmeinē tiwakamhe
 tawike tawike kujuli tikai
 ketalepak tikai mumēhka
 kaikē kuwokpak kaikē kanēke
 towokpai ētih nē wama
 apēkapok inīkapīme tikai
 tēpēkai wama pīlasimē tikaphe
 oki enimē takiinam ēnēme
 upak towomiptēi meklē tokon
 tumēkilihtao okaia enīkpalē
 tihe takahak munēhtom tihe
 mēk hemele Kujuli katop
 meklē ja lēlehne tēneimei
 tījekom amohawitpē otītpīkom



omohawitpī tītēi mīhehnē wama pēk meklē meklē wama pitpīhtak tītēi
 inēlē inamolo hakēne tēnephe tēlēi hemele am mēnalēja tihti tikai tēn
 kaimēi kama tikai namakai tēkalēi talanma wīja Kujuli tikai meklē kaikui
 tamu alīptēk takiinēmeke tikai umanike hakula teh mīnkomke okītom
 kasili tom takīianke tikai kanēke tawīke talēinē kēnopkēlei kēnopkēlep
 kanēke tītēimīi tiluetaimei tīlīm tīlīm pipip pipip kolan katīp kuu kuu
 kanpē lēlet kanpē mēlē lue luepsik pikēlēhem momai luen ehēt amn
 tītēi mēkja kaikui tamu tom inetatpatpī tuwai mēkja kaikui ehewakenma
 mēkja tēwokpai tot tītēi mēlē tījekom amohawitpē mēkjalēja teeteete
 um um um etīpena mēsin tīlīm tīlīm tīkahem teeteete um um mējelahku
 kopē tumkhe halalaman mēkja pēitopīt tuna he tunamna upak eihe
 ēwalē tupītupīnmai mēlē iwalē tēwokīkome.

Malonme talakai tot mēkja italītpī tīlītponkom kaikui lēken molo
 ēhnēmēnē kai kaikui tamu hakēne emalimatop mēnke nai mēlē
 tao tot masike mējelēine tumēkhe natot inēlē mēlē talimanēhpoi
 tukusipan tēpume tīlamapoi mēlē tuna tīkunai lome tīkunai tuna tupke
 tēhanukhe tot tihe tahmitkome tanuktanēhpoi kuwai me tīnehpoi
 tahmitkome awēlisikom tēnunmai meklē mulokonilu katop letukone
 hua mēkja kom man tanīmīmēi ejahe tuna ētajemetīhwē hua, maa
 wantē tētawohanēmai mēkja ikunatop ilītponkom ikunahpot ponkom
 tētawohanēmai katī wapotopna ulumna hua meklē tīpam tēpoi
 enīkpenaja wīlīlīpīja paluluhtao palu epī iwalē makotoptē ētikela
 ilēmēpīla tunake malē palu ale tēnhemīhtao meklē wīlīlīpi hahaha



tikai tupihe mëlëhtao wanma tēwaktaimēi wēlii ewakta katip tītēimēi ukukhe tēwilīhamo kom natot wanma ēhenela koloh kai ihmatatpī pana mëlē kom titolopamhe inēlē tomne titalalatai tom tamne uwa molana lēken inīpanan maimē nai mëlē tētajēmēi tuna tētaohanomaitot sisijak totī kom tihe totikom mehkulēken ētēpītamneken ulumna wapotomna molonme tihe pilisi kunumusi ekīme mēklē upijēmētohme tiheneimēi malonme tolopīnme tītētītēi tehenemēi mēklē kunumusija pēlē pēlētapek wajan me tētīlimei malonme tatikai ēē ēni tihe kunumusija tīmapēlē tihe ka apeitohme mapē mëlē alakupi ihem mëlē opi apēitohme tihe teh tīkappe pililikme mēk tuk tuk tīkahem tihe piokoko ēnipananmala upaphak esike tihe hemele tīkappe: kalau mëlē kan man tēkalēi hemele ēnek mēklē kunumusija tītēi hemele inamolo eh mētawohanīmtēuka aikom tētuktatēn tīkai tukukhe tot mēkja ēta tīkai ulu ulu ekejuluhtao amnai kukom pitē ekejai tīkai manale inepta tīkai ukukukam tih okomē telen okomē ee okomē tapek mēklē manale tīkai inepta sinkom akuenpī ijoptohme tīkai tītēi hum ēkējuimē telen ēkējuimē ēkējuimē tapek mēklē ētīpena tīnkīi tīkai mēklē kunumusija tot tukukhe hua katohme mē nēhemēhneja mēkja ee okaia tom teh molana lēkem pitē nai wahe ee mëlē katip lēkem.



fazer e pintar os artefatos cerâmicos



A CONFECÇÃO DE ARTEFATOS EM ARGILA



Cadeia produtiva de uma vaso *kalipo/tumeri*

A confecção de objetos de argila constitui uma verdadeira arte para as mulheres wayana e aparai. Os conhecimentos e habilidades técnicas de uma pessoa estão relacionadas, para os Wayana, com os olhos e as mãos. Segundo esse pensamento, os olhos vão guiar os gestos que permitem a confecção dos artefatos, entre os quais aqueles que são feitos de argila. As mãos asseguram que os conhecimentos não se percam e, para isto, uma ceramista deve passar os dedos nos contornos de uma vasilha para guardar a sua forma e aspecto. O tato possui um importante papel na confecção de artefatos de argila, tanto para que a ceramista possa verificar que uma superfície está bem lisa, ou ao contrário, ainda rugosa, e também para testar se a forma dos recipientes está bem arredondada.

Abordando aspectos propriamente técnicos, a categoria artesanal da cerâmica é designada em wayana pelo termo *ëliwë* e na língua aparai por *orino*, expressões que identificam a matéria-prima de confecção, a argila. Outra classificação se apoia nas palavras *kalipo/tumeri* que nomeiam uma vasilha específica, decorada, e que é feita tanto pelos Wayana como pelos Aparai. Este recipiente, por ser o mais significativo e valorizado dos artefatos de argila também designa os componentes dessa categoria em sua totalidade.



As mulheres wayana e aparai produzem tradicionalmente dois conjuntos de artefatos cerâmicos. Um é representado pelos vasilhames de uso cotidiano no espaço doméstico das cozinhas. Estes objetos permitem confeccionar beijus de mandioca, mingaus, cozer carnes, provenientes de caçadas e de pescarias e são referidos genericamente como *tumainê/oripo*. Contudo, este termo designa de modo específico um tipo de recipiente para a preparação de caldos com migalhas de carne ou peixe, e é considerado como o mais importante dos utensílios domésticos confeccionados com argila. Os vasilhames de uso cotidiano são providos, quando novos, de um revestimento avermelhado que é um impermeabilizante protetor.

A outra categoria compreende os objetos cerâmicos destinados a serem empregados em contexto ritual. Possuem decoração de cores variadas, sendo denominados genericamente como *kalipo/tumeri*, um termo que identifica também um recipiente muito valorizado, como mencionado. Nos momentos em que são celebrados os rituais, os recipientes de argila permitem conservar e ofertar bebidas fermentadas à base de mandioca brava, algumas vezes misturadas a diversos tipos de batata, de beiju ou de frutas, tais como banana e abacaxi e legumes como abóbora e cará.



Polimento de um vasilhame com o emprego de um seixo *mele/mere*

A técnica que permite a confecção dos artefatos de argila é referida como *tikaphë/tapuhse*, palavras que também designam as técnicas da cestaria e da tecelagem de trama fechada. O termo é o mesmo porque, para os Wayana e Aparai, essas técnicas exigem o emprego das duas mãos, as quais executam, a maior parte do tempo, os mesmos movimentos para produzir um artefato. Por usarem as duas mãos, o trabalho de produção de uma vasilha, de um cesto ou de uma rede é reconhecido como sendo dobrado. Outras técnicas de manufatura exercitam as mãos de maneira diferenciada, e assim na preparação de um banco apenas a mão direita trabalha, enquanto a esquerda tão somente segura o pedaço de madeira.

A confecção da cerâmica inicia com a coleta da argila apropriada. Nos meses de seca, no auge do verão, em grupos, ou apenas acompanhadas dos maridos, as mulheres recolhem a argila nos igarapés Eparé, Tyaritakemy, Epare, Pãmo, Ximarikuru e Tapekuru, afluentes do alto e do médio rio Paru de Leste. Outros sítios estão localizados no rio Citaré e seu afluente do alto curso, o igarapé Kuliwelui. Nos locais de coleta são confeccionadas grandes bolas de argila, ligeiramente alongadas. Essas bolotas são enroladas em folhas de sororoca e depositadas no cesto cargueiro de cipó ou num cesto de folhas de açaí ou bacaba, confeccionado especialmente para este transporte.

As mulheres que extraem a argila devem estar em jejum, não podem falar alto ou gemerem. A coleta dessa matéria-prima é proibida às mulheres que estão menstruadas, grávidas ou com filhos recém-nascidos, proibições que são sempre respeitadas por causa dos efeitos indesejados que provocam. O principal perigo é o aumento do volume do vasilhame produzido que geralmente se quebra ao ser queimado, o que nenhuma ceramista deseja.

Na aldeia, a argila é acondicionada em espatas de palmeira ou deixada no cesto cargueiro. Caso seja empregada em seguida é colocada num lugar sombreado, sendo umedecida repetidamente com água, evitando-se assim o seu ressecamento. A argila, quando ressecada, deve ser esmigalhada com um pau, peneirada, molhada e amassada vigorosamente para poder ser utilizada.

Para confeccionar vasilhas, a ceramista instala-se no terreiro próximo à sua moradia ou então em um abrigo construído especialmente para esse fim. A sua atividade tem início no período que precede a primeira refeição do dia, pois ela deve estar em completo jejum alimentar para que o objeto não se quebre ao secar. O primeiro cuidado é cercar-se do material necessário: argila, cuias com água, desbastadores e polidores, um suporte feito de madeira ou de um trançado desgastado, como um abano. Em seguida, separa duas bolas de argila ressecada, hidrata-as, misturando a pasta e retirando pequeninas pedras e fragmentos de madeira e outras impurezas. As ceramistas wayana e aparai não adicionam nenhum tipo de antiplástico à argila, pois uma grande quantidade de elementos que possuem essa função, como mica e grãos de quartzo, já estão naturalmente presentes nesta matéria-prima, permitindo que seja trabalhada.

A confecção de um artefato de argila tem início com a produção de um rolete que é disposto em caracol sobre um suporte, sendo em seguida achatado com as mãos, compondo a base do objeto. Utilizando a técnica do acordelado, a ceramista dispõe sobre esta base roletes mais finos, produzidos à medida que se fazem necessários. Os roletes sobrepostos são comprimidos com os dedos e alisados interna e externamente com um raspador feito de cuia, constantemente molhado em água. O contorno das panelas é concretizado colocando-se os roletes na parte externa, mas para a confecção da borda ou do gargalo estes são dispostos internamente.

Quando o artefato alcança o tamanho desejado é esfregado com um sabugo de milho na parte interna e externa para adquirir seu formato definitivo. A borda é alisada separadamente com um fragmento do fungo orelha-de-pau, muito umedecido em água. Em seguida, o artefato é posto a secar na sombra, no chão ou em um jirau, na cozinha ou no abrigo. A secagem dura geralmente 3 ou 4 dias. No final desse período, o objeto de argila é esfregado com um seixo rolado para dar o acabamento final.

Caso o vasilhame rache durante a secagem, ele é imediatamente esmigalhado, molhado e amassado para que essa matéria-prima possa ser novamente utilizada. Após a secagem, certos tipos de vasos de argila são revestidos externamente com uma tintura branca, à base de caulim que ao secar é esfregada com um seixo, preparando a vasilha para a queima, o que compreende duas etapas.

A primeira etapa consiste em aproximar o artefato do fogo doméstico – o mesmo que cozinha os alimentos – durante dois dias, para reduzir as possibilidades de quebra por ocasião da queima definitiva. A queima propriamente dita é feita na orla da aldeia, em um lugar pouco transitado. As peças cerâmicas são em sua maioria queimadas individualmente e para evitar o enegrecimento interno, cada vasilha é colocada emborcada sobre um suporte. Em seguida é envolvida com fragmentos das cascas de certas árvores, como a envieira, colocados verticalmente, mas com uma abertura na parte superior, na qual são colocadas as brasas que irão queimar as cascas.

As tarefas relacionadas com a queima são proibidas às mulheres que estão de resguardo, grávidas ou então menstruadas. As que procedem à queimação não podem se banhar, comer, beber e falar alto. Os animais domésticos devem ser afastados, pois um ambiente silencioso favorece uma boa queima, evitando que os artefatos se quebrem, cuidados que são redobrados quando se trata do torrador de beiju. Quando os artefatos esfriam, de acordo com o caso, são pintados com pigmentos minerais, cobertos com um verniz vegetal. Os utensílios de cozinha são inteiramente revestidos com um líquido impermeabilizante, de origem vegetal, misturado ao urucu, o que dá a estes vasilhames uma coloração avermelhada.



Acomodando
lenha ao redor de
um vasilhame para
sua queima



Otoko orino esary nae?

Orino nae mana tuna ehpio, ituhtao iporiry kua.

Otoko orino esary nae?

Orino esary nae mana. Topokuru kua kurumu topuru muae. Paru kua roropa pata Kurumurihpā muaem ahmōta pamo ranao te, pata apalai muae roropa tyaritake po onahtao te Maxipurimo pata etonie roropa iporiry pumari kua.

Otoko orino nae, tuna ehpio nae itutao?

Morararo orino nae mana, tuna ehpio ituhtao ynara.

Otara tao Aparai orino poko ytōko nae?

Morararo orino oūko Apalai tomo, eina rokene tuna tãpaise ahtao.





Onoky orino oũko nae? Orutua nõhpo?

Orino ounanomo nohpo tuarohxo exikety, orutua roropa tuaro exikety rokene.

Otara orino kurakãko?

Morararo orino kurãkãko nohpo tõ mana karana aka moromeĩpo tapyitaka tyrĩko toh mana.

Otara orino rĩko exino nae apuhtohto?

Morararo osemazuhme orino akykãko nohpo tõ mana moromeĩpo tunake ehxikako ipurihmatohme.

Tuna ke oxinãko?

Orino ehxikãko nohpo tõ mana tuna ke tũpore pyra aehtohme ipurihmaryhtao.

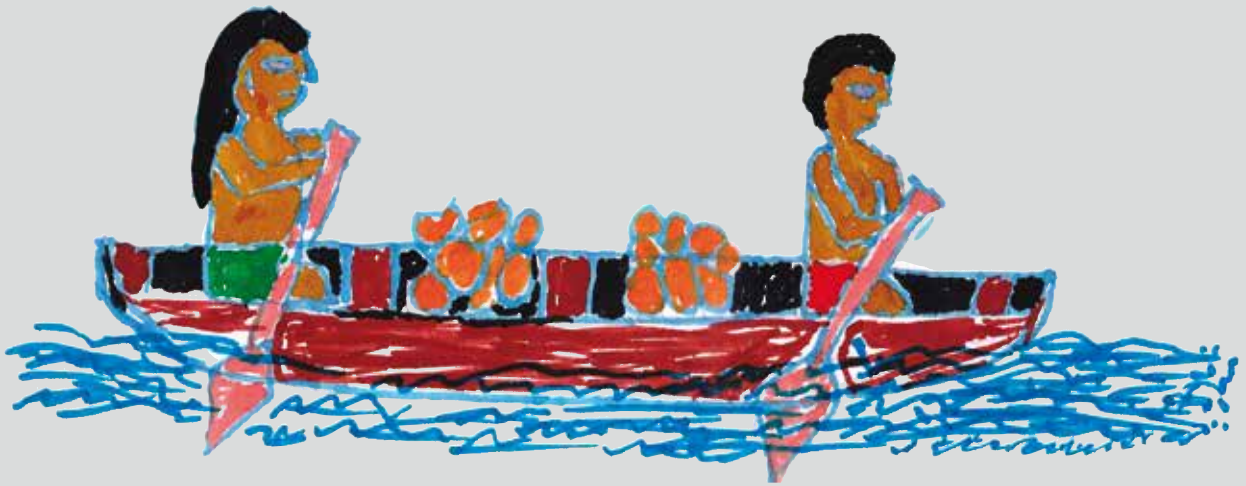
Otyke orino zoximãko exino nae?

Orino otoximara mana imepỹke, apuhtohme.

Nae na orino ritopo?

Orino apuhtoh nae eyaroro, itapyĩ roropa tomeseke se exiryke te poehtohti kuikatoh pokoino, nohpo munumato pokoino te orutua poeto zũ pokoino, ãtakuhmoryse pyra exiryke.





Ëtala ëliwë apëitop?

Akename titëi kanawa ailë akëlephak esikë ëliwë kai, moloinë tumëkëi ëutë nak aptau tëlëi ëliwë pakolontak tihulepsi tïnïkhe aptau tïpupse hemele lome upak enepëtpë aptau topoi, tëjophe, tëukumai tunake hua.

Ëitëne ëliwë?

Ëliwë pata ehet man ëtïpenapo tëpukulupote, kuliweluipo te, pamëpo te, opalepo hua lëkem man ëliwë pata tom ehet.

Ënïk ëliwë apëhja?

Ëliwë pëk mëntëja wëlii eluwa malë, eluwa mëntëja wëlii alëi ëliwë enephe ëliwë pata pona. Malalë wëlii ëliwë awe ekuwa mënakëlhme ëliwë awa pëk.

Masike ëliwë awaheinë aptao mënmëkenëja tot ëutëna malalë man tot ënenepola tïwelënkomoja injatatojoja tïmïlamoja malë tïpijutpë tomo ja huan mënke toto tïmïlamoja tïpijut pë tomo ja ahan me hapom umëkila eitët pitë sai jeli mihmometëi mënke tot. Malalë mënetupoja tot upaklë wëlii hamojo tïmilela kalep ka manatëu mënke inamolo tëwepolepkai mëi tëwaptaohe autëna mëlë moijatot wajana tom.



Ëtala ëliwë nëtija?

Ëliwë mënëtija akename tunake tükumai moloinë tïpulanmai ëmoke. Moloine tïkaphe tuma enime ulu ekeitohme kalipo me. Mamalë man injatatom itëla ëliwë puhtop pona malalë man kunumuxi tom ënenepola tïwëlënkomoja injatatojoja malë tïmilamojahnë ënenepola malalëman ëliwë tïputsen ënenepola man tot tïwëlënkomoja.

Ëliwë tïputsem itohman upaphak malalë man kama tïkai aptao ëliwë tïputsem mëne waja tïkapitponlë mënewaja wapot awa pitpëke moloine tënophe apulukunke anopheinë taklamai kawëna. Lome ise aptao mënehkenanpe tuma eni aptao tëhem jetohme, ulu ekeitop aptao mëlëläme mëlëläme oha.

Ëitë ëliwë itop?

Ëliwë mënëtija akëlephak kepsi ëutëpëk malalë man ipakolon melë tïlïtpë tao lëkem mënëtija ëliwë, malalë man wëliham tïmëlamo pïkëinë te, mulejum tom pëkëinë te, pëitopit tom pëkëinë.



Ēnik ėliwė ĩja? (eluwa, wėlii, pėitopit?)

Wėlii lėkem ėliwė ĩja. Malalė tımilem man ėliwė ėnilila, munoman mėlėlėmė ėliwė ėnilila.

Malalė waluhma tom tēhepahamo mēnija kunumuxi tom malė.

Eluwa man ėliwė tıputsem ėnilila titi enei malė ĩtėla man tot injatatom tımilamo tıpijupė huan.

Ētala ėliwė ĩtop?

Ēliwė mēnėtija tėukumai tunake apulanmatohme moloinė tımelemai tıkaptohme tuma enime kalipome, ohame, ėlinatme, tıpımkeme, kįjawėkman, mukusime huan. Moloinė kama tıakai ipuhtop aptau etpi piupiuke tıwėkai pėtuku eitohme. Malalė kama tıakai aptau akıptop lėken tėlaimai apėjukatohme awa pitpėke, palialai pitpėke, alakpipaju pitpėke huan. Ēkėmna tıkemeptėi iwėhewatohme. Moloinė apulukum pikai mēntėja kunumuxi mankon waluhma mankom huan.

Moloinė apulukum tıwıakai tėuhkai ėlinat pona ahpatohme. Moloinė ahpakepheinė aptau molo pitė mēnakįja, ekėmna anım tohme ahmiptėmalė huan lėken.

Ētala nėhkenanpe ėliwė kaphem tuna ėnı?

Tuma enė man ipok tēhem jetoehme, malalė man hautumna mēnėtijeja tēhamo tom tuma enı jau tıjetpė tom. Malalė man ėlinat ipok ulu ekeitohme, kuakė tom aitohme hua lėken.



Tapsik ipokankom (isaponkom, tiwëlënkom) ëliwë kaphem tuna ëni?

Oha, kijawëkman, tumaeni, kalipo, ëlinat, kalimata, tipimkem, mukusi, potakilili, kalapa eni, upotakinan, aliweuman.

Tëna nëhpetukwe ëliwë kaphem?

Wapot pakolontau, malalë ahmit me wewe ihem, pëpë ihem ëliwë tom kaphamo ahmitme. Malalë tëmotontoloi tëhe ëliwë tom ihamo, tuma ënë tom.







A PINTURA E A PINTURA DOS ARTEFATOS CERÂMICOS



Tintas minerais empregadas na pintura de objetos cerâmicos

Os Wayana e os Aparai empregam as palavras *anontop/zonohtopo* para designar a técnica da pintura, a qual é aplicada ao corpo humano e também a alguns artefatos, tais como os que são confeccionados com argila. A pintura compreende um processo que transforma os corpos e os objetos, porque estes ficam marcados, identificados e embelezados.

O resultado da aplicação da técnica da pintura pode ser uniforme ou então formar desenhos ou grafismos que se destacam, justamente, através da cor com que são traçados. A pintura corporal emprega tradicionalmente dois tipos de tintas de base vegetal: o vermelho do urucu e o negro do jenipapo. Os artefatos podem ser pintados tanto com tinturas vegetais, como minerais e apresentar, como é o caso dos artefatos cerâmicos, outras colorações.

A palavra grafismo é identificada nas línguas indígenas como *imilikut/imenuru*, termos que possuem muitos significados: desenho, grafismo, padrão, mancha, marca, sinal. De um modo geral designam um desenho específico, mas, ao mesmo tempo, remetem a um sentido mais amplo. Portanto, fazem referência à decoração de

uma serpente descomunal – *Tulupele/Turupere* – e ao conjunto de sua pintura corporal, a qual constitui uma criação que é própria e permanente deste ser. Os Wayana e Aparai viram e copiaram os desenhos da pele desta serpente no tempo dos antigos, fato que é descrito em uma conhecida narrativa mítica, reproduzida nas aldeias pelas pessoas mais velhas.

Pintado no corpo ou em um objeto, cada grafismo permite expressar e representar seres diferenciados: serpentes, onças, lagartas, aves, macacos e outros, e que vivem em diferentes espaços e domínios do mundo dos Wayana e dos Aparai. Os traços que definem os desenhos destacam as características principais de cada um desses seres, o vai permitir a sua identificação. Observando-se os desenhos sobre os artefatos percebemos que os seres representados podem estar reproduzidos de forma parcial ou integral, ou seja, há duas possibilidades para serem reconhecidos e identificados: em uma delas apenas uma parcela do corpo é apresentada, mas na outra encontramos a sua reprodução completa.

Há padrões gráficos que são comuns à pintura corporal e a todos os artefatos, tanto os de confecção masculina como feminina, e um deles é o *maipuli asikë/maxipurimo ãxikere*, cuja tradução é “redemoinho do traseiro da anta”. Entretanto, outros grafismos são exclusivos de certos artefatos como os das vasilhas de cerâmica, porque indicações técnicas e simbólicas impedem a sua reprodução em outros tipos de objetos.

As mulheres Wayana e Aparai possuem muitos grafismos para as vasilhas de argila e assim foram identificados vinte e nove. Uns são complicados de serem executados com é o caso de *alimi atapusil/ururuata poimary* que significa “macaco enganchado na árvore” e de *palika ëtukukpë/pakira atuhtopöpyry*, “marcas do focinho do porco caititu”. Outros grafismos são mais simples, entre os quais, *kwa kwa/kwara kwara* que reproduz a forma de uma “perereca”.

Os corantes empregados pelas ceramistas são exclusivamente minerais, encontrados nos igarapés Hawahawa, Kalaunaman, Nampalinaman, Rikorikomy, Nukohi e Kalapaeuku, entre outros afluentes do rio Paru de Leste. Essa matéria-prima é recolhida e pode ser moldada em bastão. Para a produção de tinta, os fragmentos minerais ou bastões são ralados em uma pedra chata e áspera, adicionando-se um pouco de água. As tintas produzidas compreendem as cores branco, ocre, cinza escuro, castanho avermelhado.

Para as pinturas, os instrumentos empregados são variados, rígidos ou flexíveis. Uns são denominados de *itiktikmatop/itikyrotopo* e são formados por finos talos de palmeiras e pontas de algodão. Os que são designados como *umhetpë/usehpo*, compreendem pequenas bolas de argila que prendem um chumaço do cabelo da própria ceramista e assim são flexíveis. Estes pincéis de cabelo permitem fazer traços extremamente finos e se destinam a pintar os vasos de cerâmica e a roda-de-teto da casa cerimonial, a *maluwana/maruwana*.

Os pincéis são percebidos como elementos dotados de qualidades especiais porque permitem elaborar os grafismos e, assim são também chamados de *imiliktop/imerotopo*. Devido a este fato, são compreendidos como possuidores de uma característica que é aproximada a uma “forma de conhecimento”, pois permite a esses instrumentos a execução dos desenhos. Os “saberes” dos pincéis não são, entretanto, indiferenciados e, assim, os de talo de palmeira “conhecem” apenas a decoração das grandes onças que é reproduzida através de pequenos pontos. Os pincéis flexíveis de cabelo, por sua vez, “sabem” reproduzir, através de um tracejado fino e acurado, as variadas pinturas corporais da serpente sobrenatural *Tulupele/Turupere*.

A pintura dos grafismos é executada com os pincéis de cabelo no interior do vasilhame cerâmico. São aplicadas sobre uma base de coloração ocre ou castanho-avermelhado, anteriormente espalhada com um chumaço de algodão nativo. O pincel de nervura com ponta de algodão permite o preenchimento dos campos vazios, com desenhos pontilhados, uma tarefa das filhas adolescentes da ceramista, visando o seu ensinamento. Este mesmo tipo de pincel propicia as possíveis correções do traçado dos grafismos. Uma pintura pronta, mas considerada feia ou incorreta pode ser suprimida lavando-se com água a superfície do vaso, o qual é repintado depois de seco.

A fase final da confecção das vasilhas cerâmicas de uso ritual compreende a aplicação, sobre a superfície interna do vaso, de um verniz protetor feito com a seiva da jutaicica, *mëpuk/mapuku*, para impedir o desprendimento das tintas. Essa atividade requer jejum alimentar absoluto por parte da ceramista, para que o resultado seja satisfatório, isto é, para que o verniz se torne tão transparente como água. Para a aplicação do verniz, o artefato deve estar aquecido para permitir que o bastão de jutaicica deslize sobre a superfície, recobrando-a uniformemente. Para este fim é apoiado sobre uma panela velha, contendo brasas.



Vaso emborcado apresentado padrão *têwupkai/iwynatopo*

A fase final da confecção das vasilhas cerâmicas para uso cotidiano compreende a sua pintura interna e externa com um impermeabilizante para que possam ser empregadas. Este impermeabilizante é produzido a partir de um vegetal, o ingá do mato – *aputlukum/apurukuni* – cuja entrecasca é colhida e raspada e o sumo obtido misturado com um pouco d'água e, quase sempre, com urucu, adquirindo assim uma cor avermelhada. Essa tintura é passada com os dedos, podendo ser arranhada com as unhas para fazer alguns tipos de grafismos. Os padrões produzidos com essa técnica são denominados de *têwupkai/iwynatopo* e são altamente valorizados pelos Wayana e Aparai, porque permitem visualizar, na superfície dos vasilhames, os desenhos que, com suas garras, os animais predadores, tais como onças e outros felinos, fazem nos troncos das árvores.

PIUPIU

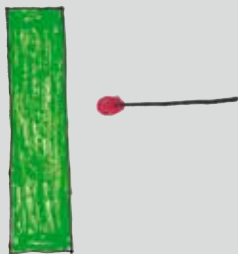


Sero mana kure orino apukupyry ritohme Pesapesa.

KASANA

Sero kasana ma kure mana tyrirytaõ itykako mame itykaxipo irakako mame rahkene mame anõko apotopona, tatanose ahtao roke ikurikako nakuaka mame ikurikaxipo xixiaka tyriko rahkene mame kure typokehse ahtao rahke zao eukuru enoko rakene.

SASA / ITÏKIROTOPO



Maripa pory sero sasa orino tikirotohme tyrisemy morararo tyriryhtao axikãko ma exino, mame mauruke ipotyry riko totykase ahtao itikiroko rahkene.

KANAWAIMO

Sero kanawaimo kure mana kanawa me.

MOPUKU

Sero mopuku ma kure tonahseme ma kure, morararo ma epukuru ma kure orino ritohme morararo ma kurimaõ enahnõko mana.

PARIARAI

Sero pariarai kurema apotopokome mame irakako ma exino wywy ke mame tyrakase ahtao enehnoko rakene topyiraka morararo ma ipipyry ma kure orino zakatohme.

KUEPI

Sero kuepi ma kure apotopokome morararo ma kure orino zahkatohme.

PARA

Sero para kure mana apotopoko me, mame ipihpyry ma kure orino zakatome.

PEZAPEZA



Kasana mytyhpyry tumeri riryhtao apitotohme, zure tohme, iwynatohme atykyry pona.

KUMERE



Sero kumere orino merehtopo serehme ehtohme, tanoryse, pohto ahtao zonohtohto zonõ kure ehtohme.

Morararo kumere nakuao roke oseneko, tuna tapaise ahtao ãpaihpyrypo. Topu po nae isawã po roropa ynara.

ÛSEHPO APUHSEMY ORINO KE



Sero ùsehpo apuhsemy orino menuru ritopo sero. Sero ahno zũsety orino rine zusety.

MARIPA

Sasame maripa pory taxikasemy sero mauru pixo maro. Orino menuru tikirotohme.

KUEPI

Kuepi kure mana apoto pokõme, orino zahkatohme roropa kuremã ipihpyry. Morararo mã kuepi ituhtao.

KANAWAIMO/ ARAKAPURI

Kanawame exiko tapyi tararame roropa kuremana morararo ma orino zahkatohmemo epupiry exõko.

ËLIWË EKALETOP – UMALEH, PËLË



E huan lëlet nehemëhneja ëtïpalë he sike ëlimak oha kalipo
tïpënkamo kijawëkpmam tom mëlikom ëhewantë panëk tala tïpohnophe
mëlë hëlë tikai pijai mëlë tikai tanme ëtikela mëlë katïp sialonme
mënehemëhneja tïkamnanom aptao mëlëkom tïhe hua tupime
tïweihamo ïkeha lome tenei esike wai tïpoinëpëmëi ikatïp wëlihamoja
ipëkënkomo ja tëhepai ëhepahe tïweihamo helëkom pëk nehemëhneja
lëlet mëlë ipëk lïken tïtëi tenei mëlëkom
tïnephe ëtïpalë ïtohme tëpihamo
ïtohme tëpihamo enime
tumaenïme enmaptëtohme
akintala tïhe esike.



Maa, manaitoma tīpīstēi nai toma tupoi lelēlep tīkai lome hua ēhewantē panēk tilihe inelē tēlikhem lome tuupoilē mīhen mēklēja munomela kalep man tīkai uwa tīkai malē tīmīlela kalep ma tīkai uwa tīkai kahek tīkailēlelep: tēmēnhe mīja awalihtao tīwētakai tētuhmoi epona hua tīpīstēi mēlē mēlēmeinē malalē nai toma tuhe mījanmēman tīkai talēinē nai ēwakintēi tīkai helē tītōptonom tēkalei tīpoinēpēmei mēlēkom mēlē ililīhtao mala tīkē tīkai ihmato talanme wēpēstē tē kohek tīkai mēlē “īpeitome walē tīkai mējelonme” tīkai tītōptonom tīpohnophe “ēwakintēi tīkai tītōhpēk milanmei mipujai makīmanohpojai mimelehmei tīkai sin tītōptonom ētīpalētōm ehnaī putpē tom tēheptēi piupiu mēlē imelematōp akīptīhwē aptao pētuku tīhe tēklepehe tītōhme tīkamnanom aptao mēlēkom tīheptēi ēmelē tītōptonom mēlē katīp nai mētīlī tīkai” mēklē ihmato ewatōptonom aptao takīphe aptao mewa jai ētīpalē pitpē tom tēheptēi wewe pitpē tom tītōptonom ewatōp teh apūtōptonom teh malalē tēpīhamo enī aptao pētulan aptao kalipo tīmīlikhe awī tapulukumtēi awī teh malalē tuna opkatōptom aptao ētī mēlē īwalē tīpīmēm katōp tuna opkatōp katōp ipīmīpēk tīmīlikhe mēlēkom tuma enī tēhem jetōp tēwahehlelēkēm talanme moloinē tapulukumtēi moloinē taklitse hemele tēhem jetōhme huan ētīkela a mīlīla pētuku tēwahe esike tēhem tījei sin kom ēmele kasīlikononto tīhe malē tīmeheke lēkēm malalē anuhna tulun katēla lomona tētankai mīnke Waiana malē ēlinatme kumu kalana upak aptao mēlē katīp lēkēn.



a cerâmica e as atividades de valorização



Desenho de grafismo de cestaria (mekuonã - m...)

OSDI

A arte de produzir vasos de argila pintados está em constante questionamento pelos Wayana e Apalai e é tema, entre as mulheres, de muitas conversas e de algumas ações efetivas. Variados fatores contribuíram para a presente situação, tais como a contínua visita aos centros urbanos onde os Wayana e Aparai podem se abastecer constantemente de panelas e vasilhames de alumínio e plástico que são consideradas apropriadas porque não quebram e porque não aquecem demasiadamente. Por outro lado, o declínio de certos hábitos alimentares, como o emprego da banha de macaco coatá, acondicionada em um recipiente cerâmico específico, denominado *mukusi/mukuxi*, acarretou o abandono de sua confecção.

As dificuldades de acesso ao território em que os Wayana e Aparai habitam, constitui um fator que impede a estruturação do comércio dos artefatos de argila, o que permitiria vivificar e perenizar esta arte. Ademais, o fato dos recipientes cerâmicos chegarem geralmente quebrados e lascados ao seu destino, contribuiu para que a produção destinada à comercialização fosse aos poucos sendo desestimulada. Enfim, mas não menos importante, durante longo tempo os rituais de flautas e máscaras foram abandonados, em grande parte devido à ação dos missionários evangélicos. Foram retomados em 2012 e, muito embora as bebidas fermentadas fossem oferecidas em grandes quantidades, os artefatos cerâmicos não se fizeram presentes.

Contudo, nesta mesma ocasião solene, vários depoimentos indicaram que muitas mulheres estavam tristes pelo abandono do uso dos vasilhames de cerâmica. Uma moradora da aldeia de Kurupohpano argumentou que um “vaso bem pintado é bonito de se ver e é muito importante e necessário nas festas. Nas festas, quando as pessoas dançam, devem beber em vasos pintados e o chefe da festa deve ter uma vasilha especial”.

É importante mencionar que na atualidade várias opções estratégicas delineiam a conduta dos povos indígenas, o que depende muito da estabilidade social, territorial e ambiental. Entre os Wayana e Aparai não é diferente, e a produção de artefatos de argila pode vir a ser alterada, reforçada, construída, acarretando situações em que vai adquirir outros sentidos, internos e externos. Uma estratégia que adotaram recentemente busca garantir o repasse dos conhecimentos das ceramistas experientes a um grupo mais amplo de jovens, extrapolando o contexto da aldeia e das relações familiares. Surgiram então demandas de atividades, entre as quais a realização de oficinas destinadas a transmissão oral e prática de tais saberes.



Oficina de saberes

As oficinas de valorização e gestão dos conhecimentos dos Wayana e Aparai tiveram início em 2005 no quadro do “*Programa de Valorização Cultural do Tumucumaque Leste*” desenvolvido pelo Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena e financiado pela Petrobrás Cultural e Embaixada da Noruega. A partir de 2009, outras oficinas de gestão dos saberes foram realizadas através do Projeto “*Têhamo, tēpihamo: Alimentação, saberes e fazeres associados entre os Wayana e Aparai*” no quadro do PROGDOP – *Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas*, estruturado e conduzido pelo Museu do Índio – FUNAI.

As atividades efetivadas neste último programa consistiram basicamente na apresentação e explicação de temas voltados para a compreensão, a produção e a aplicação de um inventário de saberes dos Wayana e Aparai, pelos pesquisadores indígenas. As principais temáticas abordadas foram: caça, pesca, coleta, agricultura e a produção de beiju e bebidas fermentadas. A produção de objetos artesanais, associados a esta temática, incluiu levantamentos sobre a cestaria, a cerâmica e os apetrechos de pesca.

As oficinas despertaram grande interesse e uma participação ativa dos jovens na elaboração de textos escritos e de desenhos, e se expandiu para a documentação fotográfica e os registros audiovisuais. Esse conjunto documental resultou na publicação de dois livros e um informativo: “Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai. Wayana anon milikut pampila – Aparai zonony imenurupapeh” (2010) e “Tukusipan Wetkatop – Porohtoh Ekyhpymatopo: Um ritual de flautas ocorrido na aldeia Suisuimënë, Terra Indígena Rio Paru D’Este” (2014), ambos foram editados pelo Museu do Índio. Uma terceira publicação, “O livro do Arumã - Wama Pampila, Aruma Papeh” (2014) foi editado pelo Iepé.

Mais recentemente, a Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai (APIWA), em parceria com o Iepé, vêm desenvolvendo oficinas específicas sobre cerâmica. Essas atividades são realizadas através do projeto “*Tumeri: Conhecimento Ceramista das Mulheres Aparai e Wajana*”, submetido ao edital “Prêmio de Culturas Indígenas”, e contemplado na edição “Raoni Metuktire” de 2014.

A apresentação e execução deste projeto representa um importante passo na autonomia dos Wayana e Aparai. Deve ser ressaltado que se trata de uma iniciativa da própria APIWA que, articulando-se às comunidades indígenas e às instituições parceiras, concretiza oficinas



Oficina de pesquisa e documentação de saberes sobre cerâmica

que objetivam promover oportunidades para o desenvolvimento e o repasse de conhecimentos relacionados com a técnica artesanal de cerâmica, tal como é praticada entre os Wayana e Aparai.

A partir de 2015 essas ações de valorização cultural foram internalizadas no Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D’Este. Neste contexto, o vigente projeto, financiado pelo Fundo Amazônia (*Projeto “Floresta em pé: Bem-viver sustentável”*), possibilitou a revisão, ampliação e publicação deste presente livro.

O presente livro é fruto das atividades efetivadas em todas essas oficinas de cerâmica, nas quais os esforços de todos confluíram para que fossem exitosas. A vontade e o interesse dominante dos participantes objetivava reforçar o atual movimento de valorização e de renovação do interesse pelo ofício de ceramista entre as mulheres wayana e aparai. Esperamos que este livro, dedicado primeiramente aos Wayana e Aparai, contribua para seus objetivos e que também seja bonito de se ver e bom de se ler.



tipos de recipientes cerâmicos



I – KALIPO/TUMERI

Estes termos em wayana e aparai correspondem ao nome genérico aplicado aos vasilhames que possuem pinturas com tintas minerais. Feitas com pincéis, formam grafismos que são recobertos com verniz vegetal. Essa categoria de vasilhas é exclusivamente de uso ritual.

Ĕhenematop/osenematopo – panela, taça-tigela

Trata-se do nome genérico para pequenos vasilhames empregados no preparo e distribuição de líquidos e alimentos aos jovens que estão de resguardo ritual. Copiam outros vasilhames, sobretudo o *kalipo/tumeri* e o *kalapiman/kasanamano*.

Kalapiman/kurara – taça-tigela

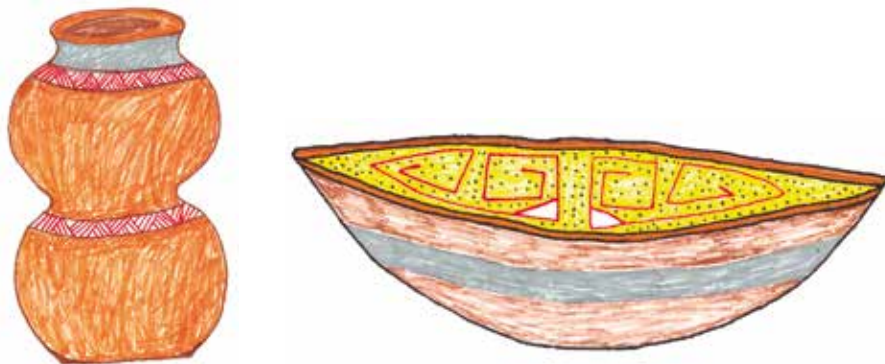
Para oferecimento de bebidas fermentadas, em contexto ritual. O convidado toma a taça-tigela das mãos do ofertante e a leva aos lábios, sorvendo toda a bebida e depois a devolve para quem a ofereceu.

Kalimata/kasanamano – bilha compósita (jarro)

Usada em contexto ritual, acondiciona bebidas fermentadas, servidas com pequenas cuias.

Kalipo/tumeri – panela vasiforme

Este é o mais representativo dos recipientes de cerâmica pintados. É utilizado para o oferecimento de bebidas fermentadas. Em sequência, os convidados bebem enquanto o ofertante segura a taça-tigela com as mãos. Esse vasilhame é de uso exclusivo do “dono da festa” e é empregado em um contexto ritual específico: a roda



masculina instalada dentro da casa cerimonial *tukusipan/porohtopo*. Este vasilhame também pode ser utilizado para ofertar bebidas fermentadas no pagamento dos trabalhos em mutirão, na construção da casa cerimonial.

Peimiliman/peimirimano – vasilha

Em contexto ritual, serve bebidas fermentadas na roda masculina instalada no pátio central da aldeia, designado como *lamnapo/pyroropona*. A bebida é retirada com pequena cuia.

Pëtiman/utukumano – peça zoomorfa

Representa *pëti/utuku*, uma “pomba galega” com uma panela vasiforme *kalipo/tumeri* nas costas. É colocada em longa vara que se projeta do topo da casa cerimonial. Outras duas vasilhas de mesmo tipo, arremata a cobertura desta casa. A figura representada se conecta ao mito de criação, no qual a pomba galega possui destacado papel. As vasilhas também possuem uma função técnica, porque impedem a infiltração de água da chuva pela cobertura.

Tëpinkem/typerykemy – bilha, jarro

Em contexto cerimonial, contém bebidas fermentadas que são colocadas no *kalipo/tumeri* e oferecidas aos participantes da roda masculina, os quais estão sentados dentro da casa cerimonial. O “dono da festa” não deve jamais se servir do conteúdo desta bilha.

Tunaopkatop/tuna arykatopo – taça, tigela

Serve água por ocasião das refeições comunitárias masculinas, em contexto cerimonial como por ocasião do *tulakanëm entapikatop/katonon entaikatopo*, o que pode ser traduzido como a “refeição do viajante” e que corresponde às boas-vindas aos visitantes de outras aldeias.



II – TUMAINĒ/ORIPO

Os vasilhames dessa categoria não apresentam decoração policromada e envernizamento. Entretanto, recebem impermeabilizante de base vegetal com pigmento avermelhado. Podem apresentar grafismos produzidos com as unhas. Possuem grande detalhamento funcional.

Ēlimak/paratu – travessa, prato

Serve alimentos, tanto no cotidiano como em rituais. Pode ter pintura em listras, produzidas com caulim, sem envernizamento.

Trata-se de um artefato especificamente wayana.

Ēlinat/orinato – torrador, assador circular

Específico para a confecção de vários tipos de beijus, mas ocasionalmente é utilizado para a produção de farinha.

Ēlinat awom/orinato ainy – trempe cilíndrica

Suporta a parte central do torrador de beiju. Constitui o “pênis” deste artefato. As bordas do torrador de beijú são sustentadas por quatro painéis do tipo *tumainē/oripo* - que estão estragadas e impróprias para cozinhar.

Ēliwē kaphem/orino kahsemy – panela

Cozinha e acondiciona alimentos, sobretudo jacaré, o que está indicado em sua denominação.

Ilak akatop/irako akatopo – pote

Empregado no ritual *okomēman/okomomano*. Este pote é previamente untado internamente com um visgo ou então contém água, para o aprisionamento de formigas tocandeiras.

Kijawēkman/kaokomano – panela vasiforme compósita

Cozinha sobretudo batatas e outras raízes como cará, ariá.

Mukusi/mukuxi – pote

Armazena a gordura derretida de macaco coatá ou de porco selvagem. Possui uma tampa de mesmo material. O bordo extrovertido permite que seja suspenso por lâminas de cipó. Pode apresentar decoração riscada, incisa.

Oha/apipa – panela vasiforme

Para o preparo de bebidas fermentadas de diferentes tipos. Enquanto estas esfriam, a panela é recoberta com uma tampa de palha trançada.

Ohamunkë/apipamunkuru – panela vasiforme

Trata-se de uma panela de mesmo aspecto que a anterior, porém de menor tamanho.

Timulikem/mykyhmano – panela

Para o preparo de alimentos à base de carne, tais como peixes ou caça miúda.

Tumainë/oripo – panela vasiforme

Constitua principal panela que é utilizada para o cozimento de alimentos, sobretudo carne. É empregada especificamente para recolher e ferver o sumo da mandioca brava que escorre do tipiti, produzindo o tucupí, denominado *tuma/tuma*. Trata-se de um espesso caldo, ao qual são adicionadas carnes cozidas e condimentos. Este caldo é o resultado de uma complexa aliança familiar, entre um campo masculino: carne de caça e pimentas e outro, feminino: amido, tucupi e sal.

Esse tipo de panela é confeccionado em diversos tamanhos. Quando é levada em viagens recebe uma alça de sustentação *tumainë ewa/oripo eary*, feita de lâminas de cipó.

Upotakili/upotakirikikihmano – pote de gargalo estreitado

Acondiciona gordura derretida de animais caçados, sobretudo de macacos ou então óleo de andiroba. É suspenso nas vigas das cozinhas com alças de cipó.



APIPA

Osemazuhme apipa riryhtao ipurihmãko aporo tuna maro pixo, morotoino apuhnõko rahkene ikurãkãko roropa aporo tapuhse ahtao zao ikurãkãko ĩkae roropa ikurãkãko, pezapezake te, piupiuke, ynara ikurãkãko aporo.

Morotoino imerehnõko kumereke, kure ehtome osepune emero ehtohme, imerehnõko kumereke, tuna maro.

Moromeĩpo ehpyry wyhnãko piupiuke, tuna maro. Totyhkase ahtao asarahnõko aporo tapyi tao, tasarah-se ahtao apozõkãko aporo apoto karãmy zaka tyrĩko aporo apipa rĩko morotoino ikemehtõko epupike pariarai epupiryke.

Tykemehtose ahtao jahkãko rahkene kokonipukuro ahno mynyhme toehse ahtao roropa.

Morararo tuna onẽpyra roropa jahkãryhtao:

– Ynara exiryke ehmomõko exiryke rokene totyhkase ahtao jahkary poko?

Ahtao roropa, imẽtanohpõko ahtao ahpãko apurukunike, pake emero tyrĩko rokene moro rĩko apipa aka eukuru tomo rĩko moro ao apipa ao pake ehse moro apipa kure eukuru ritohme.

Tonahsã amo ahnotohme kure ehse apipa emero rokene.

Otyro ahnõko moro ao ehse pake ahtao apipa rokene nae ehse pakatokomo moro rĩko ehse apipa apuhnõko toto eukuru ritohme tya xine.

Ynara ehse nohpo tomo pake.

ORINATO

Osemazuhme orinato riryhtao ipurihmäko aporo kure tuna maro. Morotoino ëta päko roropa apitu pona, aporo etapäko pupuke, totapäkehse orino ahtao.

Morotoino apitu poe, emäko nono aka ahkäpyry aka, ikuräkätöhme, pezapezake, aporo kure tyrïko iwylh näko roropa tuna ke, tukuräkase ahtao ehpiry wyhnäko piupiuke, tuna maro roropa kure.

Ehtohme osepune emero tyrïko aporo moro meïpo ikuhnöko aporo kananaru ke, tuöko aporo osepune aehto kuhtohme kure keh ahtao moroto tyrïko asarahtohme.

Tasarahse ahtao apozokäko apoto karäke jahkatohto aporo.

Morotoino ikemehtöko epupi ke, pariarai epupiryke.

Morararo jahkaryhtao tuna onepyra aporo ynara exiryke rokene, ehmomöko orino exiryke rokene.

Morararo ahno mynyhme tehse ahtao jahkäko kokonipukuro toehse ahtao.

Morararo ytopyra aporo ahno myaro jahkane rokene ipoko mora orinato poko?

Mame tymetase ahtao ahpäko apurukunike.

Pake emero totyhkase orinatome tyrise.

Orinato kure ehse pake ahtao wyi ekeïko ehse toto nohpo tomo orinato po. Moro wyi ekeïtohme pake ahtao kure moino moraro kajama äïko moro orinato po ehse pakatokomo pake yrome moro pyra toehse seromaroro enahnöko ipunäka toehse kynoty komo myrihpyry pake ahtao.

KASANAMANO



Osemazuhme ipurihmāko aporo kure ehtohme, tuna maro orino purihmāko?

Morotoino apony rīko aporo wewe apuhtohme.

Moroīpo apuhnōko pitiko poe ahpitōko aporo.

Morotoino apuhnõko te, ikurākāko roropa tapuhse ahtao pezapezake te, piupiuke te, ynara zao roropa ikurākāko te, ĩkae roropa ikurākāko te, ehpiry wyhnāko roropa kure, aehtohme osepune ehpiry ehtohme. Tukurāka-se ahtao ahpāko tawake, tahpakeh-se ahtao, imerehnõko kumereke, kure ehtohme.

Moroto aporo asarahnõko tapyi tao. Ikurākāko asaratotohne.

Tasarahse ahtao apozõkāko rahkene apoto karāny rīko zaka.

Morotoīno tyrīko apoto pūtokaxi tapozūka-se ahtao.

Morotoīno ikemehtoko epupike para pihpyryke jahkatohme rahkene. Tyahke-se ahtao imetanohpõko aporo, axitūpyra toehse ahtao imenuru riko rahkene.

Osemazuhme imenuru riryhtao ahtao tyhnõko aporo topu pona araraimo yhnõko te, suhpari yhnõko te, kurumoto yhnõko ynana topu pona tyhse ahtao kasana aka tyrīko moro zonohtopo rīko tyrītohme rahkene.

Osemazuhme ahpāko araraimoke zao ahpāko aporo.

Moro esahpokoxi suhpari rīko tahpiremyke imerõko.

Morotoino itikihnõko kurumotohke zao rokene.

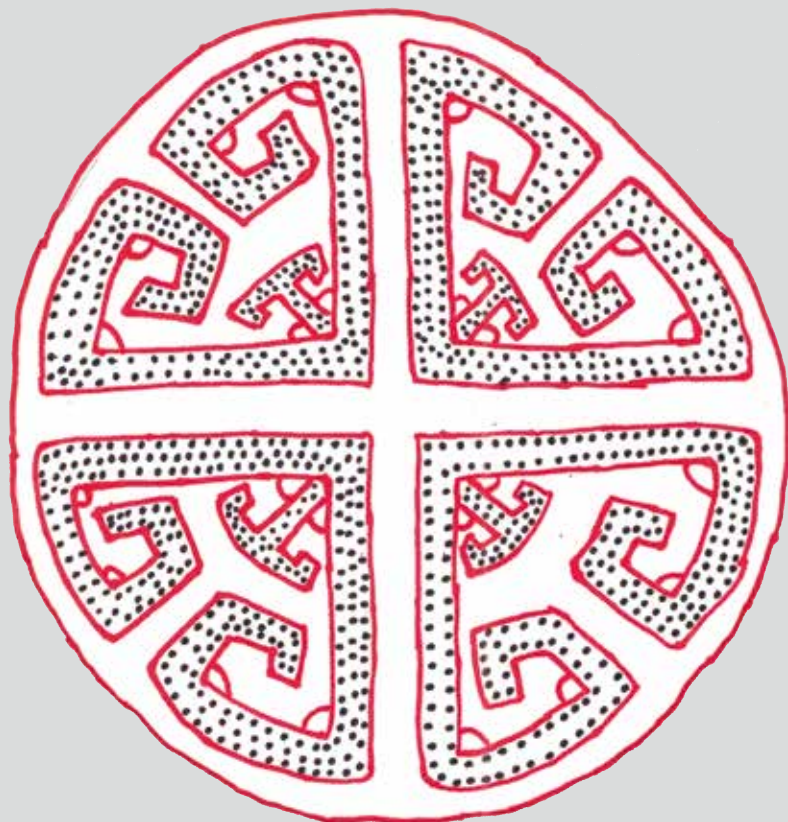
Moro esahpokoxi ikuīko mopukuke, tukuīkeh-se ahtao ahpāko apurukunike ātykyry ahpāko tōtyhkase ahtao.

Moro sā rokē tyrīko ehse nohpo tomo tyrise toto pake ahtao moro ao roropa eukuru enõko ehse toto, eukuru ekamotohme roropa kure ehse.

Moro kasanamano emero rokene kure ehse...

Pake ahtao pakatokomo a kasanamano risemy...

TUMERI



Osemazuhme ipurihmāko te, akykāko roropa, topu pisarara oūko.

Tupurihmakeh-se ahtao, apuhōko pitiko poe, tyrīko wewe poko na.
Tyrīko rahkene apuhnōko mya, ao. Tykary pona.

Ikurākāry maro, pezapezake te, piupiuke te, ynara emero ikurākāko
ikurākatoh-ke, ūkae te zao, ehpiry roropa wyhnāko iwynatoh-ke kure,
ehtohme emero.

Totyhkase ahtao asarahnōko aporo. Tasarahse ahtao ahpāko tawa rīko
zonohnōko tawa ke. Tumeri pokona. ūkae, rokene, tyrīko.

Morotoino imerehnōko kumere ke. Tawa merehnōko, kure ehtohme.

Asarahtohme ikurākāko tapyi tao pixo. Asarahtāne rokene.

Tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãny rĩko zaka.

Apoto pũtokoxi tyrĩko aporo moroto pixo.

Morotoino ikemery rĩko epupi rĩko pariarai ke ikemehtõko.

Morararo ameke pixo tyriko ahno ytotoh pona pyra.

Jahkãko morara ahtao kure zahnõko tumeri mana: Mãpyra kuĩ karyhtao mokaro ezuhnõko. Morararo jahkane tuna onẽpyra. Oturupyra roropa.

Jahkaryh tao ahtao rokene ehmopyra aehtohme: Tyahse ahtao metãko aporo, moroto yrokokoro enẽko.

Kokoro ase utumerimy zonohnõko ase.

Morotoino zonony yhnõko topu pona. Tyhnõko emero araraimo te, suhparite, kurumotoh. Ynara rokene tyhse toto zohnohtome.

Anyhnõko kasana aka. Tuna rĩko pitiko roropa isuhmatohme pixo.

Morotoino ũsehpo, rĩko imenuru ritohme.

Osemazuhme araraimoke zao ahpãko.

Morotoino suhpari rĩko isỹkatohme tapiremy.

Moro tyrise ahtao itikihnõko kurumotoh ke zao tyrĩko xinukutumano ke.

Moro sã rokene imenuru riko ehse nohpo tomo.

Morotoino ikuĩko mopukuke. Tukuikeh-se ahtao ahpãko apurikunike atykyry ahpãko rokene. Pake emero totyhkase imenuru kehko. Sero pake ahtao eukuru etopopyry tumeri pakato komo a.

Morararo eukuru zao ahtao tomeseke apoise toto, morararo tomeseke iporohkãko nono pona ehse toto.

Aehmoryse pyra exiryke.

TYPERYKEMY

Osemazuhme ipurihmäko aporo, kure ehtohme orino purihmäko tuna maro tuporepyra aehtohme.

Moromeïpo apony rïko wewe. Morotoino apuhnõko pitiko poe, apitoko tyrïko zumo tyritohpona apuhnõko. Morararo ikuräkäko pezapezake te, piupiuke te, ynara imykyhmäko roropa ipymyry poro.

Ikuräkäko te, zao te, ïkae te, ynara ikuräkäko ehpiry wyhnäko roropa ikuräkatoh-ke osepune ehtohme ehpiry emero osepune aehtohme.

Tukuräkakeh-se ahtao ahpäko ipymyry zopikoko ahpäko tawake.

Morotoino imerehnõko kumereke kure aehtoponamero tymerehkehse ahtao asarahnõko aporo tapyi tao ikuräkako asarahtohme.

Tasarahse ahtao apozokäko apoto karäky rïko zaka, apoto pütokoxi tyrïko tapozokase ahtao. Morotoino ikemehtõko epupike pariarai pihpyryke, zukäko jahtohme rahkene. Tyah keh-se ahtao imetanohpõko aporo oxiüpyra toehse ahtao arõko tapyitaka imenuru ritohme.

Imenuru rïko ïkae zao pyra zao aryryra osemazuhme tyhnõko zonohtopo topu pona tyhnõko te, suhpari yhmõko te, kurumatoh yhnõko te, ynara topu pona: Tyhse ahtao anyhnõko kasana aka tyrïko tuna ke isuhmäko pitiko. Osemazuhme ahpäko araraimoke zao sewemäke ahpäko aporo.

Moro esahpokaxi suhpari rïko tapiremy ke imerõko. Morotoino itikihnõko kurumotoh ke zae xinukutumake zao. Moro sã rokene tyrise toto nohpo tomo pake... Kure ehse eukuru ãme moro typerykemy. Sënase pake ahtao tomihsemy ehse porohtopo taka.

Wanohtao emehtopõ po pake tuasãmo zano ro ahtao.

Ynara äko typatakemy ahno tomo kohmapõko eukuru ãtohme tuaseme roropa ehse. Moro pixo õkuru äko tynaomirohpyry a... Ekarõko eya xine aporesemy a... Morotoino ãnõko aporo ekamõne ekamotohto tuhkãkomo a... Toto ohpäko rahkene yrome typatakemy onohpara rokene.

Tonahse ahtao ekarõkoropa moro okyryry äko eya mokyro typatakemy a... Ynara ehse pake ahtao: Typerykemy kure ehse pake ahtao: katopopyry sero pakemãkomo a.

KAOKOMANO

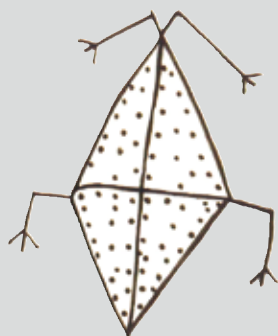
Osemazuhme akykãko aporo topu pisarara kyrÿko.

Ipurihmãko aporo tupurihmakeh se ahtao apuhnõko aty kyry poe, zumo atykyry rÿko aporo:

Morotino apuhnõko mya ao tykary ikurãkãko iwuhnãko ikurãkatoh-ke roropa.

Mykyhme tyrÿko pixo mya zumo. Tyritoh pona te ehpiry ritoh pona ehpiry wyhnãko osepune ehtohme emero iwuhnãko zao te ïkae roropa ynara tasarahse ahtao imerehnõko kumereke zao, ïkae. Kure ehtohme serehme zao ehtohme roropa imerehnõko.

Tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãmy rÿko zaka. Apoto pÿ tokoxi tyrÿko aporo okynao pixo xinukutume toehse ahtao ikemehtõko epupiki pariarai pipyryke.



Moroto jahkãko kokoni pukuro rahkene yrokokoro ahpãko apurukunike zao ĩkae. Ynara ahpãko tapakeh-se ahtao jahkako apoto pona apurukuni zahkãko.

Pake, emero totyhkase kaokomano sero sã tyrise toto pake ahtao.

Kure ehse pake oripo me tõsemy ahnotohme ehse sero pake ahtao.

Morararo sautu oneyripyra zaka tose ahnõko ahtao tõsẽmy ahnõko zao.

Kana te torõtomo te, emero rokene ahnõko moro ao ehse pake ahtao.

Morarao aixi pe rokene tyrĩko ehse pake ahtao tyriko ehse nohpo tomo. Morararo ikarãmy pona misãmo apoto pona tyrĩko ehse toto tosemy ahno ryhtao aporo.

ORIPO

Osemazuhme akykãko topu pisarara emero ikyryko aporo. Morotoino ipurihmãko rahkene apuhtohme typurihmakehse ahtao.

Apuhnõko atykyry poe, aporo apuhnõko ikurãkary maro mya aotykyry pona ro, apuhnõko ehpiry riry maro ikurãkãko ikurãkatoh ke roropa. Zao te ĩkae emero ikurãkako ehpiry wyhnãko iwyhnatoh ke kure ehtohme. Imerehnoko kumereke kure ehtohme, asarahnõko aporo moroto tyrĩko pixo tasarahse ahtao apozõkãko apoto karãmy rĩko zaka.

Moroto apoto pũkokoxi tyriko aporo okynao pixo. Atapazõkatohme morotino ikemehtõko epupike pariaraike jahkãko rahkene kokoniepukuro toehse ahtao.

Yrokoko ahpãko apurukunike, zao ahpãko te ĩkae ynara ahpãko aporo morotoino tyrĩko ropa apoto pona.

Apurukuni zahkãko rahkene serehme aehtohme ynara tõtyhkase pake emero. Sero oripo tõse ahnõtopo. Pake sero ao ehse tõse ahnõko emero rokene.

Meku, arimi, kana, poinoko, maxipuri, torõtomo. Morararo aixi pe rokene tyriko sautu pyra. Tyrĩko zaka. Morararo tyikemekãko misãmo ikarãny pona rokene tyrĩko tõse ahnoryhtao rokene.

MUKUXI



Osemazuhme akykãko topu pisarara emero ikyrÿko, aporo, kure.

Morotoino ipurihmãko rahkene, apuhtohme. Tupurihmakehese ahtao.

APuhnõko atytykyry poe apitõko aputyry poko.

Mya aotykyry mero apuhnõko ehpiry riry mero ikurãkako ikurãkatohke roropa. Zao te, ïkae roropa ikurãkao kure ehtohme.

Tapuhkese ahtao asarahkanoh põko. Tasarah-se ahtao imerehnõko kumereke kure aehtohme.

Tasarah-se ahtao apozokãko apoto karany rÿko, zaka.

Moroto tyrÿko apoto pÿtokoxi aporo.

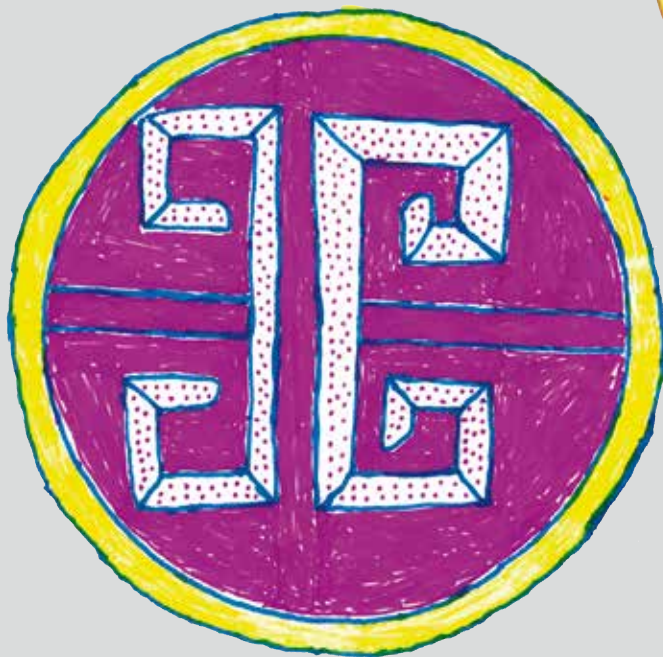
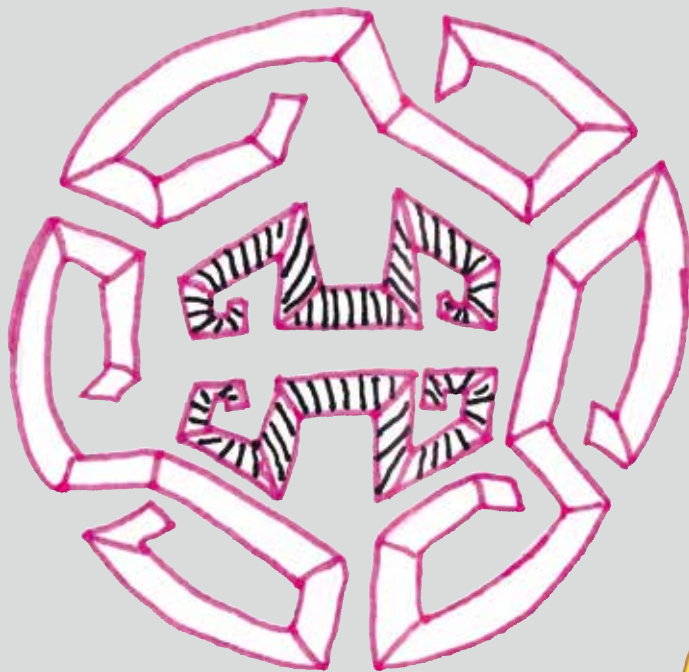
Morotoino ikemehtõko epupike.

Moro meÿpo jahkãko kokonie pukuro tyahse ahtao ahpãko apurukunike zao te ïkae ynara, ahpãko tahpakehse ahtao apoto pona tyriko jahtohme, apurukuni zahkatohme.

Kure ehtohme serehme aehtohme zao. Sero mukuxi tõse kasery kurãkatõpopyry pake ahtao.

Tykasere exikety tõ kasery eny me tyrisemy ehse pake.

Maxipuri kasery eny emero rokene, ehse pake tyrise toto pake ahtao nohpo tomo.





terminologia wayana e aparai da cerâmica



CATEGORIA ARTESANAL DA CERÂMICA

Ĕliwë/orino – nome genérico

MATÉRIAS-PRIMAS MINERAIS

Ĕliwë/orino – argila

Essa matéria-prima recebe nomes variados de acordo com a condição de preparo:

Ĕliwë/orino – pasta de argila bruta

Takiuphe/takyhse – pasta de argila ressecada

Ĕliwë tĭjophe/orino tynohse – argila moída

Ulalak/purihme – pasta de argila molhada

Tĭpulakmai/typurihmase – pasta de argila amassada

Ĕliwë ipok/orino kure – pasta de argila pronta para uso

ANON – TINTAS, CORANTES

Ĕliwakpiu/xuhpari – corante mineral vermelho

Kuli/araraimo – corante mineral ocre

Pulunë/kurumoto – corante mineral cinza-azulado

Nënuwë/tawa – corante mineral branco – caulim dissolvido em um pouco de água. Aplicada antes da queima, na parte externa de certos vasilhames cerâmicos.

As tintas minerais são empregadas para traçar grafismos na parte interna e externa dos vasilhames. A matéria prima é colhida no leito dos igarapés, pode ser amassada até formar um bastão alongado, posteriormente seco ao sol. Os bastões são ralados em uma pedra plana e misturados à água antes de serem utilizados.



Um vasilhame sendo esquentado por brasas para propiciar a aplicação de verniz

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

Tawekai/tywynas – face, parede do vasilhame em estado bruto

Tapilëi/tapirose – face alisada, polida

Tonophem/tonohse – face com grafismos pintados

Pahjeh/merie – face com grafismos riscados, incisos

Tëwupkai/iwynatopo – grafismos feitos com as unhas

MATÉRIAS-PRIMAS DE ORIGEM VEGETAL

Kalapa/azawa – lenha, combustível para queima

Palialai/pariarai – lenha, combustível para queima

Kanawa imë/kanawa imo – lenha, combustível para queima

Kuwepi/kuepi – lenha, combustível para queima

Para a queima dos vasilhames são utilizadas apenas as cascas das espécies mencionadas, as quais não foram identificadas.

Aputlukum/apurukuni – impermeabilizante

A casca do ingá-do-mato (*Inga paraensis*) é raspada com faca, espremida, extraíndo-se uma substância que pode ser diluída com água ou tucupi e colorida com urucu (*Bixa orellana*). A tintura resultante é espalhada com os dedos sobre a superfície do vasilhame de argila.

Mëpuk/mapuku – verniz/goma vegetal (foto abaixo)



A seiva do juteieiro (*Martiodendron elatum*) é extraída e cozida em água. As impurezas são retiradas e confeccionam-se bastões. Na sua aplicação, o bastão deve deslizar na face pintada dos vasilhames, previamente aquecidos.

Conforme os resultados, o verniz aplicado é identificado:
Mëpuk t̄ikolokem/mapuku karimutumano – verniz claro, translúcido
Mëpuk taliliman/mapuku xinukutumano – verniz escuro

PROCESSO DE CONFECÇÃO

T̄ipukhe/tapuhse – técnica do acordelado

T̄imelemai/tymerehmase – rolete curto e mais grosso

Para a confecção da base.

T̄imelemai kupime/tymerehmase mosa – rolete comprido

Utilizado para a produção das demais partes do recipiente de argila.

IMPLEMENTOS EMPREGADOS

Kalapi/kasana – Fruto da cueira (*Crescentia cujete*)

Possui vários usos: armazenar água; na confecção dos corantes minerais.

T̄ëputik̄itop/ximari – ralador

Fragmento de pedra áspera; permite ralar os corantes.

Armit/apone – base de apoio

Pode ser um fragmento de trançado ou tábuas de madeira onde é disposta a base e, sobre esta, os roletes para a confecção dos artefatos de argila. Para o torrador, a base trançada é recoberta com folhas de bananeira.

Ernai putp̄ë/oxinase upuhpo – alisador

Sabugo de milho (*Zea mays*), usado durante o processo de confecção de vasilhas de argila, alisando-a interna e externamente.

Piupiu/Piupiu – alisador

Fragmento do fungo orelha de pau (*Pycnoporus sanguineus*).
Repetidamente molhado em água, alisa o bordo dos vasilhames de argila.

Mele/mere – polidor

Pequeno seixo rolado; para o polimento da vasilha, após a secagem.

Pelo/pezapeza – raspador

Fragmento retangular de cuia; confeccionado em vários tamanhos. É usado durante a confecção do vasilhame, para a raspagem e alisamento de seu interior.

Kulupu/kurupu – raspador

Caramujo terrestre, empregado para raspar panelas, limpando-as depois de confeccionadas.

Ititikmatop/itikyrytopo – pincel pontilhador

Pedaço de nervura de palmeira com ponta de algodão. É empregado para preencher o interior do traçado dos grafismos e também para executar pequenas correções.

Umhetpë/usehpo ou imiliktop/imerotopo – pincel (foto abaixo)

Confeccionado com cabelos humanos da ceramista e presos a uma pequena esfera de argila. É usado para fazer o traçado dos grafismos nos vasilhames de argila, depois de queimados.



ESTÁGIOS DE CONFECÇÃO

Tikaktop/tykahtopo – em confecção, inacabado

Tihalaphe/tasarahse – concluído, pronto

Tihukulule/tahxikure – pronto, mas ainda úmido

Ewalukpī/jakahpyry – pronto e seco

Tiwahe/tyahkase – queima

Tiwickai/tywynase – queima inicial

Tukai/tukase – queima final

Tonophe/ tonohse – pintura (pintando)

Tonophe takpai/tonohse tahpase – impermeabilização com ingá do mato

Tikuihe/tapozukase – envernizamento com jutaicica

COMPONENTES DA PANELA *TUMAINÉ/ORIPO*

Ewa/eary – alça

Upota/ipotary – abertura, boca

Ine/atykyry – base, fundo

Ekpi/ehpiry – borda

Eku/akuehty – gargalo

Ipun/ipunu – parte interna, bojo

Tikaphe/tykahse – contorno externo



ŪSEHPO

Osemazuhme ūsehpo apopohnōko orino rīko ipokona ūsehpo pokona. Kure exikety rokene rīko roropa ūsehpo.

Morotoino tumeri pokona ikuhnōko rahkene kure ahtao imenuru rīko moro ūsehpo ě purihkāko. Araraimo aka ūsehpo rīko imepyny aka epurihkāko suhpari aka.

Morotoino tyoro aka ě purihkako kurumotoh aka. Moro sã rokene.

ZONOHTOPO

Osemazuhme tyhnōko araraimo. Yhnōko topu pona.

Morotoino suhpari yhnōko topu pona roropa te kurumotoh yhnōko roropa.

Tyhkehse ahtao anynōko kasana aka, kehko. Tyritohme imerotohme, kehko.

ORINO PATA

Sero orino patary esety.

Osemazuhme (Kuriwerui, Tyaritakemy, Xihtare, Epare, Pãmo, Topokuru, Ximarikuru) orino patary kehko iporiry tomo.

Nae, kure, exikety te nae popyra orino ynara ornio mã kehko.

ZONOHTOPO PATA

Sero zonohtopo patary esety.

Suhpari patary esety (Rikorikomy).

Araraimo patary esety Kuriwerui.

Tawa patary esety Nukohi-e.

Kurumoto patary Sãsawa emero rokene iporiry kuaohkehko.

Ao lado,
Tukusipan/Porohtopo
da aldeia
Kurupohpano

referências bibliográficas



- ANÔNIMO. Caway: Culture artisanat Wayana. Cayenne: Imprimerie Guyane Matin, 1988.
- BARBOSA, G.C. Das trocas de bens. In: Gallois, D (Org). *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Associação editorial Humanitas: Fapesp, 2005. pp. 59-111.
- DUIN, R. S. A Wayana Potter in the tropical rain forest of Surinam/French Guyana. Newsletter, Department of Pottery Technology. Leiden University. Vol. 18/19, 2000/2001. pp. 45-57.
- GALLOIS, D. T. Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. São Paulo: Iepé, 2006
- GALLOIS, D. T. & D. F. GRUPIONI. Povos indígenas no Amapá e norte do Pará. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- GRENAND, P. & PRÉVOST, M.F. Les plantes colorantes utilisées en Guyane française. n: Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée, 36^e année, bulletin n°1, 1994. pp. 139-172.
- RIBEIRO, B. G. Dicionário do artesanato indígena. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.
- SCHOEPEF, D. La marmite Wayana. Cuisine et société d'une tribu d'Amazonie. Genève: Musée d'Ethnographie, 1979.
- VELTHEM, L. H. VAN. Onde os Wayana penduram suas redes? In: Novaes, S. C. (Org.) *Habitacões Indígenas*. São Paulo: Nobel/EdUSP, 1983. pp. 169-193.
- VELTHEM, L. H. VAN. Equipamento doméstico e de trabalho. In: Ribeiro, D. (Ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. V. 2 Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986. pp. 95-108.
- VELTHEM, L.H. VAN. Das cobras e lagartas: a iconografia Wayana. In: Vidal, L. (Org.) *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel/EDUSP/FAPEP, 1992. pp. 53-65.
- VELTHEM, L.H. VAN. Homens, guaribas, mandiocas e artefatos. In: Severi, C. Lagrou, E. orgs. *Quimeras em diálogo. Grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. pp. 139-161.
- VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Livro da arte gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imilikut pampila, Aparai zonony imenuru papeh. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.
- VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Tukusipan Wetkatop, Porohtoh Ekyhpymatopo: jornal informativo sobre ritual ocorrido na aldeia Xuixuimene, Terra Indígena Rio Paru D'Este, agosto de 2012. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012.
- VELTHEM, L.H. VAN & LINKE, I.L. V. Livro do Arumã: Wama Pampila, Aruma Papeh. São Paulo: Instituto Iepé, 2014.





MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

